

REVISTA

COSMOPATOVNI

PUBLICAÇÃO DO GRUPO UFOLOGICO PARANÁ - PATOVNI

ISSN 2675-8466

ANO 3 | NÚMERO 5 | DEZEMBRO 2022



REVISTA COSMOVNI

**PUBLICAÇÃO DO GRUPO
UFOLÓGICO PARANÁ | PATOVNI
NÚMERO 5. SEMESTRAL. 2022. ISSN 2675-8466**



Tasca Editorial
Curitiba - 2022

GRUPO UFOLÓGICO PARANÁ - PATOVNI

EQUIPE

Coordenador: Flori Antonio Tasca
Diretor cultural: Rudinei Campra
Diretora de eventos: Solange Tasca
Colaboradores: Alana Amaral
Diego Tesser
Jeferson Eduardo Matielo

Revisão: Henrique Luiz Fendrich
Diagramação: Diego Tesser
Capa: Nebulosa do Ovo | HubbleSite
Imagem Interna: Nebulosa Cisne (M17) | HubbleSite

R454

Revista COSMOVNI. / Flori Antonio Tasca (editor). Número 5. Semestral--
Curitiba: Tasca Editorial, dezembro de 2022.
119 f. : il.

ISSN: 2675-8466

1. Ufologia. 2. Cosmologia. I. Flori Antonio Tasca, editor. II. Título.

CDD - 501

REVISTA COSMOVNI

**PUBLICAÇÃO DO GRUPO
UFOLÓGICO PARANÁ | PATOVNI
NÚMERO 5. SEMESTRAL. 2022. ISSN 2675-8466**

COMPOSIÇÃO

EDITOR

Flori Antonio Tasca

CONSELHO

Douglas Albrecht Novo de Oliveira

Fernando Manuel Araújo Moreira

Fred (Frederico) Guilherme Vega Morsch

Lallá Barretto (Maria Luiza Barretto)

Marco Antonio Petit

Marco Aurélio Leal

Monica Silvia Borine

Pedro Barbosa

Ricardo Varela Correa

Roger (Rogério) Rumor

Toni Inajar (Inajar Antonio Kurowski)

Van Ted (Vania Segura Tedesco)



Tasca Editorial
Curitiba - 2022

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	01
OS 70 ANOS DAS FOTOS DO DISCO VOADOR NA BARRA DA TIJUCA: O “FURO” DE <i>O CRUZEIRO</i> QUE INAUGUROU A UFOLOGIA NO BRASIL CLÁUDIO SUENAGA.....	04
A IDEIA ANCESTRAL DOS MUNDOS HABITADOS FLORI ANTONIO TASCA.....	40
INTERVENÇÃO EXTRATERRESTRE EM TEMPOS DE GUERRA ROSE CASTRO <i>et alii</i>	60
UFOLOGIA E A PIRÂMIDE DE QUÉOPS RUDINEI CAMPRA.....	76
O PERIGO DAS <i>FAKE NEWS</i> PARA A UFOLOGIA TONI INAJAR.....	88
A HUMANIDADE ESTARIA PRONTA PARA UM CONTATO EXTRATERRESTRE? FERNANDA PIRES.....	98
METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA À UFOLOGIA FERNANDA SCHWARZ.....	109

EDITORIAL

O PATOVNI – Grupo Ufológico Paraná tem a grata satisfação de apresentar o Número 5 da REVISTA COSMOVNI, composto por 7 artigos, a respeito de relevantes aspectos do conhecimento em Ufologia.

Nosso colaborador Cláudio Tsuyoshi Suenaga (Japão) oferece excelente análise de um antigo caso, ocorrido em 1952 no Rio de Janeiro, quando a revista *O Cruzeiro* divulgou fotografias tomadas de um suposto disco voador, ensejando um frenesi na imprensa nacional e internacional. Assim, o artigo “Os 70 anos das fotos do disco voador na Barra da Tijuca: o ‘furo’ de *O Cruzeiro* que inaugurou a Ufologia no Brasil” traça um panorama sobre esse famoso caso, o qual ainda hoje é objeto de interesse e debates no meio ufológico.

Em seguida vem minha contribuição, com o artigo “A ideia ancestral dos mundos habitados”, no qual abordo em panorâmica perspectiva histórica como pensadores trataram da concepção de a Terra ser apenas um dos muitos planetas habitados por seres inteligentes. Desde os filósofos das antigas Grécia e Roma, passando por teóricos das Idades Média e Moderna e mesmo por estudiosos contemporâneos, o texto trata de aspectos do ideário ancestral da pluralidade dos mundos habitados por outras “humanidades”.

O terceiro artigo é assinado por um trio da Academia Latino-Americana de Ufologia Científica (LAASU), com o título “Intervenção extraterrestre em tempos de guerra”.

No texto, Rose Castro, Tereza Baraldi e Júlio Acosta Navarro destacam o peculiar momento histórico da humanidade e discorrem sobre a presença de OVNI's em conflitos bélicos de ontem e de hoje, com destaque para a atual guerra Rússia x Ucrânia.

Na sequência o Diretor Cultural do PATOVNI, Rudinei Campra, traz a lume interessante reflexão sobre o polêmico tema “Ufologia e a pirâmide de Quéops”. O texto é apresentado em perspectiva que desafia o dogma ditado pela comunidade acadêmica tradicional sobre tão fascinante monumento do Egito Antigo. O autor oferece elementos para repensar a ideia simplista, pela qual aquela pirâmide serviria apenas como “túmulo”, tal como afirmado em relação a outros monumentos antigos, cuja origem e feitura ainda são envoltos em mistério, mesmo após milênios.

O quinto artigo é assinado pelo Padrinho do PATOVNI, Toni Inajar, sobre tema atual e relevante: “O perigo das *fake news* para a Ufologia”. Com foco especialmente em análise de fotografias e filmagens, em geral acompanhadas de relatos sensacionalistas, o autor convida à crítica sobre a disseminação de notícias e imagens falsas, o que causa grave dano à seriedade que deve nortear a pesquisa em Ufologia.

O artigo seguinte é assinado por Fernanda Pires (Canadá), pesquisadora de campo da MUFON, cujo título constitui uma questão essencial para a temática ufológica: “A humanidade estaria pronta para um contato extraterrestre?”. A autora oferece interessantes elementos para pensar os limites e as possibilidades do primeiro contato público, ostensivo e formal humano-alienígena.

Enfim, o sétimo artigo do Número 5 de nossa REVISTA COSMOVNI é da lavra da cientista Fernanda Schwarz (Argentina), que expõe um tema de suma importância para a evolução da pesquisa ufológica: “Metodologia científica aplicada à Ufologia”. Tratando de aspectos metodológicos da pesquisa científica, a autora suscita na comunidade de ufólogos a necessidade de rigor acadêmico nas investigações de cunho ufológico, a fim de melhor qualificar as pesquisas daí advindas.

E com isso o PATOVNI oferece mais esta contribuição para fomentar a pesquisa e a reflexão sobre tão relevantes temáticas, sempre inspirado na máxima de William Shakespeare: “Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia dos homens possa imaginar”. Com o sentimento do dever cumprido, reiteramos aos leitores e leitoras a tradicional saudação do povo do planeta Vulcano: “Vida Longa e Próspera!”.

Curitiba – Paraná – Brasil – Dezembro de 2022.

Prof. Dr. FLORI ANTONIO TASCA – Editor



OS 70 ANOS DAS FOTOS DO DISCO VOADOR NA BARRA DA TIJUCA: O “FURO” DE *O CRUZEIRO* QUE INAUGUROU A UFOLOGIA NO BRASIL

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA

RESUMO

As fotos do disco voador obtidas na Barra da Tijuca, zona sul do Rio de Janeiro, pelo fotógrafo Ed Keffel e pelo repórter João Martins, são o marco inicial da história dos OVNI's no Brasil. Obviamente não foi o primeiro caso ufológico ocorrido nessas terras, de seculares manifestações, mas foi o que teve o mérito de despertar, pelas páginas da revista mais badalada e de maior circulação à época, *O Cruzeiro*, a atenção da população e dos pesquisadores para o enigma que até hoje continua a desafiar a humanidade. A partir daquele 7 de maio de 1952, os casos, muitos dos quais viriam a se tornar “clássicos” mundiais, começaram a se avolumar em escala geométrica, em quantidade apenas menor que a dos Estados Unidos. E de lá para cá, os ufólogos brasileiros não têm se cansando de perguntar e investigar quem ou o que são eles, de onde vêm, como funcionam suas máquinas e quais são suas intenções. O artigo traça um panorama desse importante evento ufológico e objetiva suscitar a pesquisa e a reflexão dos leitores.

PALAVRAS-CHAVE

Barra da Tijuca. *O Cruzeiro*. João Martins. Ed Keffel.

Análise fotográfica. Disco voador. Militares.

SOBRE O AUTOR



CLÁUDIO SUENAGA DIANTE DO MONUMENTO MEGALÍTICO DE ISHI-NO-HODEN, NA CIDADE DE TAKASAGO, PROVÍNCIA DE HYOGO, NO JAPÃO. FOTO DE ALEXANDRE AKIO WATANABE. FONTE: ARQUIVOS DO AUTOR.

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira dissertação de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Escritor com quatro livros publicados e vários ainda inéditos, possui vasta experiência na área jornalística, tendo colaborado com inúmeros veículos no Brasil e no exterior e publicado centenas de artigos em jornais e revistas.

Site: <https://claudiosuenaga.yolasite.com/>

Pinterest: <https://br.pinterest.com/claudiosuenaga/>

Blog: <https://claudiosuenaga.com.br/>

Twitter: https://twitter.com/suenaga_claudio

Facebook (perfil): <https://www.facebook.com/ctsuenaga/>

Youtube: <https://www.youtube.com/ClaudioSuenaga>

Facebook (página): <https://www.facebook.com/clasuenaga/>

E-mail: claudiosuenaga@mail.com

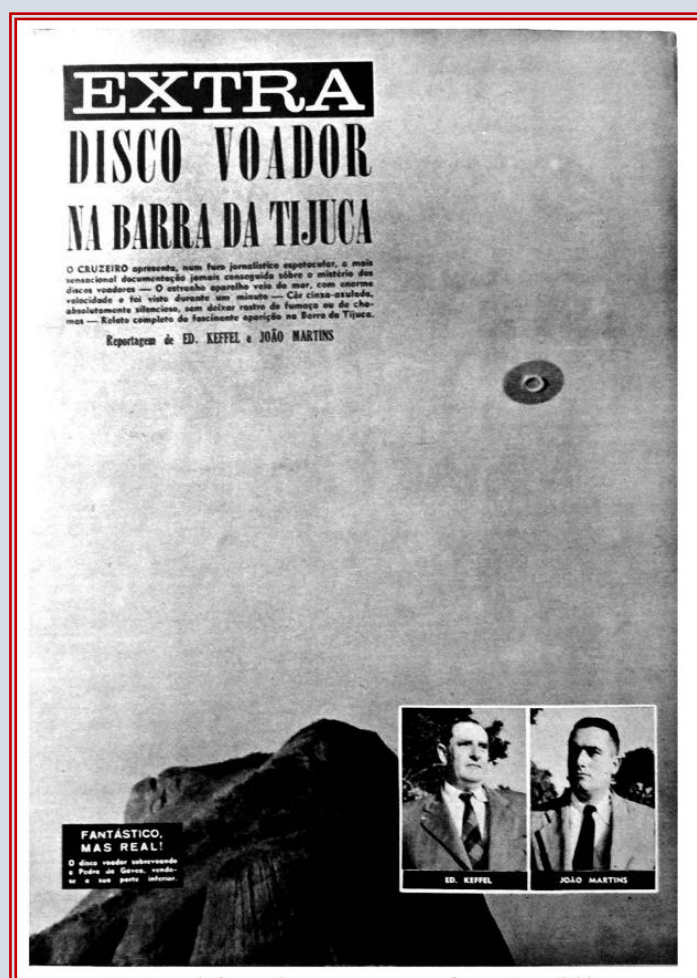
Instagram: <https://www.instagram.com/claudiosuenaga/>

O INÍCIO DA ERA MODERNA DOS DISCOS VOADORES NO BRASIL

A história dos OVNIIs no Brasil principiou em 7 de maio de 1952, durante o segundo governo (de 1951 a 1954) de Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), cinco anos depois do piloto civil norte-americano Kenneth Arnold ter inaugurado a chamada Era Moderna dos Discos Voadores nos Estados Unidos. Até então, pouca gente havia visto ou pelo menos admitido que havia visto um disco voador no país. Foi preciso que dois repórteres da revista carioca *O Cruzeiro* fotografassem um corpo estranho em forma de disco, com uma espécie de pequena cúpula na parte central, para que o Brasil ingressasse definitivamente nessa era e passasse a ocupar o posto de segundo país do mundo em número de casos, perdendo apenas para os Estados Unidos. As fotos serviram como válvula de escape a todos os que ansiavam relatar fenômenos aéreos desconhecidos e não tinham coragem para tanto.

O disco voador de 1952 continua atual. Ainda suscita polêmicas e atrai seguidores. Converteu-se em uma imagem clássica, mítica, atemporal. Nos países de língua inglesa, o disco é conhecido como *saucer*. Nos de língua francesa, como *soucoupe*. Em ambos, as palavras significam “pires”. Não por acaso, as fotografias de *O Cruzeiro* mostram um objeto em forma de pires, dotado de saliência. Essa saliência era necessária para ressaltar que dentro dela “havia gente como nós”, que dificilmente se acomodaria dentro de uma coisa achatada. Se as notícias iniciais tivessem mencionado losangos voadores, e se o nome dado fosse “losango”, e não “pires”, quase que certamente as fotos mostrariam um aparelho nesse formato. Mas o fato é que os OVNIIs teimavam em aparecer como discos ou pires.

A imprensa do mundo inteiro já vinha estampando imagens de “coisas estranhas” avistadas nos céus, porém nenhuma delas trazia a riqueza de detalhes e a nitidez das fotos de *O Cruzeiro*, só superadas pelas do contatado George Adamski, em novembro do mesmo ano. Adamski certamente foi influenciado pelas fotos, assim como quase todos os indivíduos que a partir daquele ano começaram a aparecer em público alegando que estavam mantendo contatos com extraterrestres benevolentes provenientes de planetas do nosso próprio sistema solar. As fotos tiradas das “naves” em que pretensamente teriam viajado, mostravam na maioria das vezes discos que não passavam de variações do modelo de *O Cruzeiro*.



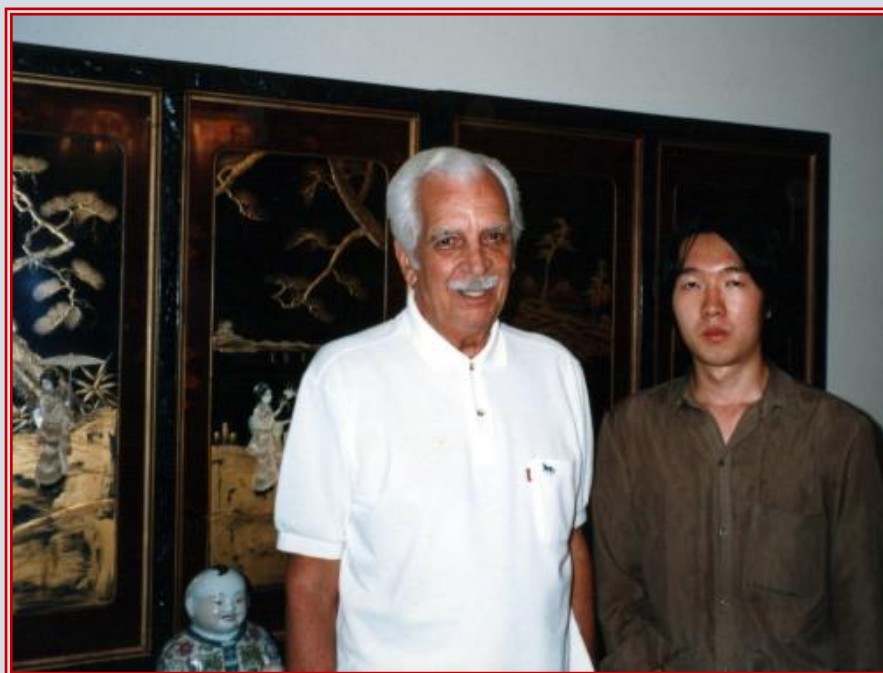
EDIÇÃO EXTRA DA REVISTA
O CRUZEIRO DE 17/05/1952. FONTE: UOL.

Às 12 horas daquele 7 de maio, o fotógrafo Ed (abreviatura de Eduardo) Keffel e o repórter João Martins (1916-1998), chegaram à Barra da Tijuca. Aí já surgem as primeiras contradições. De acordo com o original da edição extra de *O Cruzeiro*, de 17 de maio, eles preparavam uma matéria sobre casais de namorados que se dirigiam ao ponto turístico conhecido como Ilha dos Amores. Decorridos 21 anos, outro repórter da mesma revista, Júlio Bartolo, retornou ao assunto e escreveu na matéria intitulada “7 de maio de 1952, quatro e meia da tarde: o dia em que o disco apareceu”, publicada na edição de 12 de dezembro de 1973, que ambos lá estavam “com a intenção de sondar o local, diante da suspeita de que um homem muito parecido com Hitler estava aparecendo com frequência naquela região, agindo como turista, para evitar problemas”. [*O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1973, p. 8.]

Na versão do ufólogo francês Jimmy Guieu, conforme fez constar em seu livro *Les Soucoupes Volantes Viennent d'un Autre Monde* (Os Discos Voadores Vêm de um Outro Mundo), os jornalistas foram à Barra da Tijuca com a intenção de entrevistar algum casal célebre – estrelas de cinema e outras notabilidades [Paris, Fleuve Noir, 1954]. Numa carta enviada ao ufólogo Carlos Alberto Reis, um pesquisador carioca informou que a reportagem de Bartolo cometeu um equívoco.

Quem dirimiu as dúvidas e esclareceu o porquê dessa discrepância foi o funcionário aposentado do Banco do Brasil e ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira, que me assegurou pessoalmente que a versão de que a dupla tinha ido fotografar um criminoso nazista é totalmente falsa. Cleto guardava em seu apartamento na Rua Toneleros, em Copacabana, um farto material sobre o caso. Ele era um dos poucos que ainda desfrutavam da amizade de Martins, que residia em um apartamento da Rua Ayres Saldanha, também em Copacabana. Segundo Cleto,

eles na verdade foram fazer uma reportagem sobre os casais de namorados e o prato de camarão da Barra da Tijuca, tanto que no filme aparece o camarão e um casal de namorados. A verdade verdadeira que ficou debaixo do pano é que o Martins e o Keffel eram muito amigos. O Keffel havia passado uma temporada no Sul e há dois meses não vinha ao Rio. Assim que retornou, conseguiram do chefe deles a incumbência de fazer uma reportagem sobre os namorados na Barra da Tijuca, onde poderiam pôr a conversa em dia enquanto saboreavam um delicioso camarão. Bateram a chapa de um camarão e nisso aparece o disco voador. Essa é a verdade.



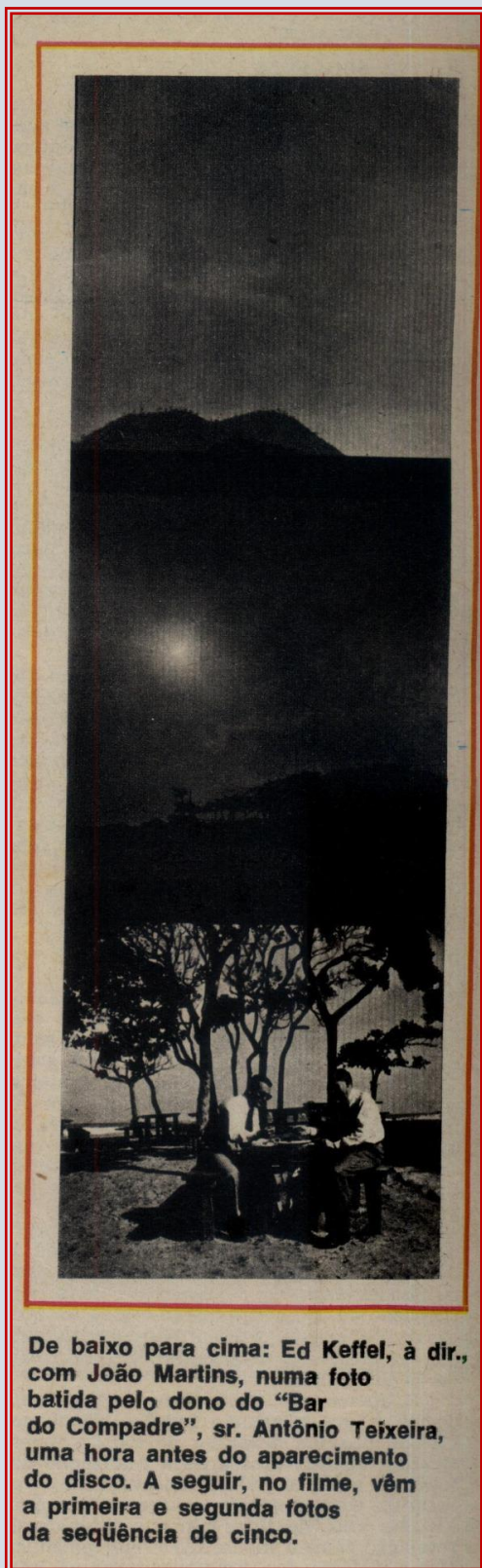
CLÁUDIO SUENAGA AO LADO DE FERNANDO CLETO NUNES PEREIRA
NO APARTAMENTO DESTA NA RUA TONELEROS EM COPACABANA,
ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO, EM 22/02/1996.

FOTO DE PABLO VILLARRUBIA MAUSO.

EDIÇÃO EXTRA

Os repórteres atravessaram de barco o canal da Barra e chegaram ao “Bar do Compadre”, oásis de camarões bem preparados na então desértica Barra da Tijuca. Conversaram com Antônio Teixeira, o dono do bar, e ficaram despreocupadamente saboreando camarões até às 15h30. Às 16 horas, o Sol anunciava o fim da tarde, mas ainda estava forte no céu. Os repórteres foram até a areia da praia, sentaram e começaram a conversar, lembrando outros tempos, uma oportunidade de comemorar o reencontro.

E assim ficaram sob o calor morno, apreciando o mar e o horizonte descoberto à frente, no começo do canal interior da Barra.

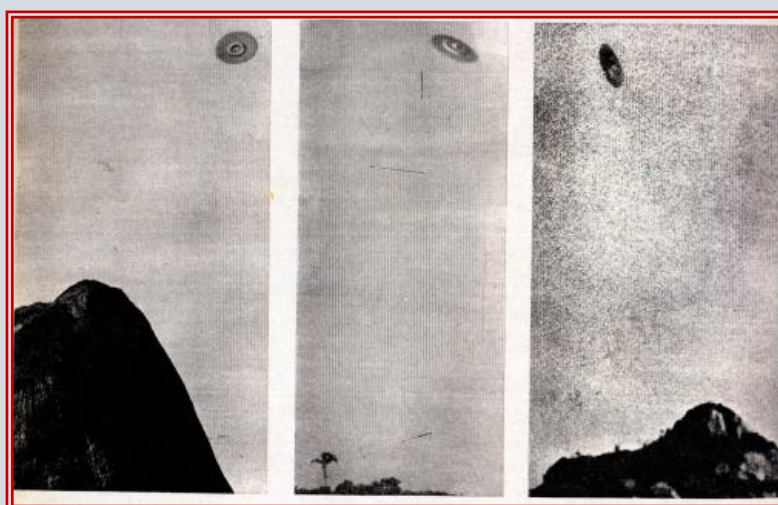


Às 16h30, olhando casualmente para o mar, tiveram a atenção despertada por um objeto que pensaram ser um avião. Todavia, o objeto movia-se para o lado a uma velocidade tremenda, do oceano para a terra, deixando os dois extasiados. Keffel apontou sua Rolleiflex para o lado do Sol, de onde vinha o “avião”. Cinco chapas foram batidas, as últimas do filme.

A reportagem extra publicada na ocasião reporta que

enquanto isso, o disco (porque o que estávamos vendo era indubitavelmente um objeto em forma circular), continuava o semicírculo sobre as matas da Tijuca, até sobrevoar a Pedra da Gávea. Nesse ponto, fez uma descaída, balançou-se à semelhança de uma folha que se desprende de uma árvore, ou como acontece às vezes com alguns aviões numa tomada de campo. Repentinamente, porém, ao chegar sobre o mar, lançou-se de novo para frente, numa arrancada alucinante, não em posição horizontal, mas inclinado num ângulo de uns 45° sobre o seu próprio eixo, como um aeroplano deitado sobre uma de suas asas, e desapareceu como uma flecha, ou melhor, como uma bala, em direção ao oceano, além das Ilhas Tijucas, que encobriram a nossa linha de visão para o horizonte. Tomou, portanto, o mesmo rumo de onde tinha vindo.

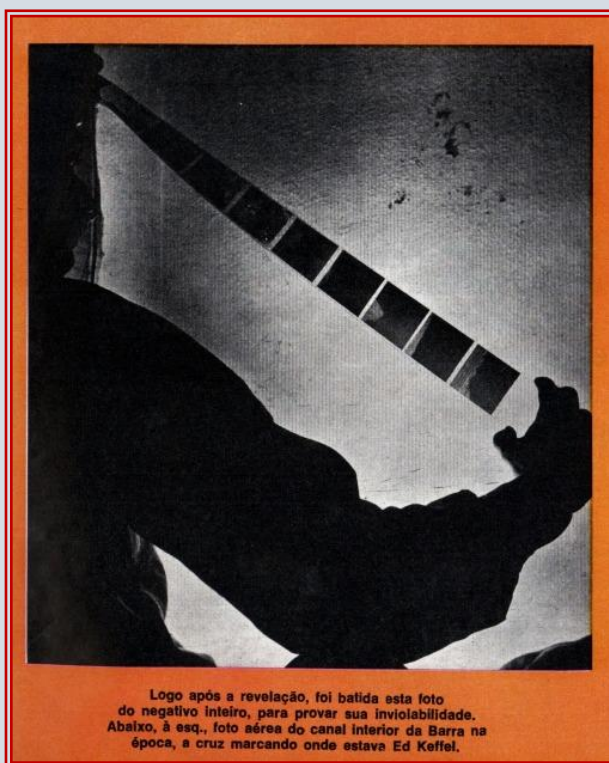
Tudo isso durou no máximo um minuto, hiato em que não ouvimos o mais leve som. Aquilo parecia voar em absoluto silêncio, ou produzindo um som de frequência superior à capacidade auditiva do homem. Não deixava o menor rastro de vapor ou de chamas. Não era luminoso. Por causa de sua cor cinzenta-azulada, confundia-se com o céu sem nuvens.



REVISTA O CRUZEIRO, ANO XLV, Nº 50, 1973-12-12, P.6 E 7. FONTE: ARQUIVOS DO AUTOR.

Alguém mais testemunhou o aparecimento do disco? Um trecho da reportagem referente ao momento em que o disco partiu, chama particularmente a atenção. A dupla sai procurando outras testemunhas. O pescador e o dono do bar nada viram. Dois casais que comiam camarões fechavam o pequeno círculo dos que poderiam ter presenciado o fenômeno. No texto, uma insinuação apenas: “Dois casais que almoçavam sob o alpendre não eram nem tinham vontade de ser testemunhas.” Aparentemente, portanto, ninguém mais viu o disco voador.

Avisados pelos repórteres, diretores e jornalistas ficaram na expectativa da chegada de Keffel e Martins com a “bomba”. Assim que entraram na redação, debaixo de inúmeras recomendações, entregaram o filme ao laboratório fotográfico de plantão. Quando a porta da câmara escura foi aberta, inúmeras mãos disputaram o negativo. Lá estava, sem dúvida, o tal objeto. Em cinco posições diferentes, a mais nítida imagem de um disco voador jamais obtida.



REVISTA *O CRUZEIRO*, ANO XLV, Nº 50, 12 DEZ. 1973, P. 9. FONTE: ARQUIVOS DO AUTOR.

No dia seguinte, a distribuição da revista com data de 17 de maio de 1952, já pronta, foi suspensa. Montada a matéria, escrita por Martins, ela entrou em um suplemento extra, de oito páginas, que trazia a manchete: “Extra – Disco Voador na Barra da Tijuca. Reportagem de Ed Keffel e João Martins”. Não houve tempo de mudar a capa – que estampava, curiosamente, uma foto da então jovem rainha inglesa Elizabeth II sobre um cavalo, sob o título: “A moça que nasceu para ser rainha”.

Toda a cadeia associada – jornais, rádios e TV – noticiava o feito dos repórteres. A redação da revista foi invadida. Juntos vieram o Ministro da Guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso (1898-1979), e o Chefe da Casa Militar da Presidência, general Aginaldo Caiado de Castro (1899-1963). O Estado Maior da Aeronáutica (EMA) enviou à redação os majores Artur Peralta e Fernando Hall, o capitão Múcio Scevola e o técnico em fotografias Raul Alfredo da Silva. Da Embaixada dos Estados Unidos, único país que naquela época possuía uma comissão oficial para estudo dos OVNI's, veio o coronel Jack Werley Hughes, adido da Aeronáutica, que declarou, mesmo sem um exame mais acurado do negativo e das cópias que lhes foram apresentados: “Fiquei impressionadíssimo. Os negativos são ótimos e não posso pôr em dúvida a sua autenticidade. Pela primeira vez no mundo se fotografou um disco voador com tanta nitidez, com tanta precisão e objetividade.”

Keffel e Martins repetiram até à exaustão a história das fotografias. O negativo foi guardado num cofre-forte para evitar extravio. A revista saiu pouco depois com a versão definitiva do acontecimento, esgotando os exemplares em poucas horas. O Distrito Federal discutia o assunto e o resto do país acompanhava a polêmica. O disco instava a uma tomada de partido: a favor ou contra?

AS DIFERENTES VERSÕES

Os principais veículos de informação do mundo abriram manchetes a um assunto que ainda era, em certo sentido, novo e palpitante, suscetível a tremendas polêmicas. Na Alemanha, o *Der Stern*, editado em Hamburgo: “*Die ersten fotos*”. O *Paris Match*: “*Un journal de Rio de Janeiro annonce premières photos dune soucoupe volante*”. O *La Crónica*, de Lima, Peru: “*Fantastico, pero real: el platillo volador*”. O *Zafer*, da Turquia: “*Uçan daireler merih yildizindan mi geliyor?*”

O fato que impulsionou o fenômeno no Brasil é um exemplo notório de como as notícias, mesmo as verdadeiras e bem documentadas, se dilaceram, criam apêndices, se transformam e acabam produzindo uma impressão muito diferente da realidade, como atesta a versão de Cristian Vogt, representante em Buenos Aires da *Association Mondialiste Interplanétaire*:

Em 7 de maio de 1952, dois repórteres fotográficos brasileiros, Martins e Keffel, se trasladaram à Tijuca, pequena ilha próxima ao Rio de Janeiro conhecida como Ilha dos Amores pelas facilidades que oferece aos amantes da solidão. O objetivo da viagem era fazer uma reportagem ilustrada. Quando já estavam para finalizar a tarefa, viram um magnífico disco voador sobre a ilha e tiraram cinco instantâneos, imediatamente reproduzidos pela imprensa carioca e mundial. Os negativos foram comprados por uma grande soma pelo Centro de Inteligência Técnica Aérea, numa operação levada a cabo pelo coronel Hughes.

Vogt tirou conclusões apressadas ao mencionar Hughes, o qual efetivamente examinou as fotos e os negativos, mas não os adquiriu [*El Misterio de los Platos Voladores*, Buenos Aires, Editorial La Mandrágora, p. 25-26]. O Centro de Inteligência Técnica Aérea referido por Vogt era o ATIC (*Air Technical Intelligence Center*).

O astrônomo, escritor e ufólogo norte-americano Morris Ketchum Jessup (nascido em 1900 e que se suicidou em seu carro em 20 de abril de 1959), estampa em seu livro *The Case for the UFO* uma foto do disco acompanhado de uma legenda que denota a visão estereotipada alimentada por muitos estrangeiros em relação ao Brasil: “Este disco voador foi fotografado quando voava sobre a selva brasileira.” Não sobre núcleos urbanos, mas sobre a vasta “selva” tropical por dois “intrépidos exploradores” que se embrenharam nela [*The Case for the UFO*, New York, Bantam Books, 1955, p. 3].

O historiador, educador, filósofo e escritor inglês radicado nos Estados Unidos Henry Fitzgerald Heard, mais conhecido como Gerald Heard (1889-1971), também deu a sua versão, na qual parecia bem mais bem informado que os demais:

Do famoso porto do Rio de Janeiro também chegou um relatório de um disco que subitamente apareceu sobre o Atlântico em direção à baía, em plena luz do dia, e depois foi embora. Quatro fotografias de primeira ordem foram tiradas e publicadas pelo conhecido e ilustrado magazine *O Cruzeiro*. As fotografias foram postas à disposição, para exame, quando um perito fotógrafo descobriu que a sombra aparentemente projetada sobre a aba do disco pela calota central mostrava que o Sol estava a uma elevação muito diferente daquela indicada pelas sombras de alguns arbustos que aparecem embaixo da fotografia. No entanto, o diretor do Observatório do Rio declarou que ele estava no terraço da instituição no dia em que as fotografias foram batidas e que ele mesmo vira o objeto em forma de disco entrar na baía, voar ao redor e seguir em direção ao mar.

Não se sabe de que fonte Heard tirou essa informação [*In Is Another World Watching? The Riddle of the Flying Saucers*, New York, Bantam Books, p.46.]. Talvez as declarações a *O Cruzeiro* de Domingos Costa, astrônomo-chefe do Observatório Nacional, de que um ano antes do caso ele e sua filha haviam avistado do bairro de Santa Tereza um disco azul acinzentado que se deslocava de leste para oeste, sem qualquer ruído, tenham levado Heard a confundir as coisas.

Segundo Costa, que já tinha presenciado três aparições de discos – luminosos, rápidos e capazes de descrever curvas em ângulos retos –, os quais costumavam surgir ao anoitecer, “em 7 de maio de 1952, Marte estava em posição favorável”.

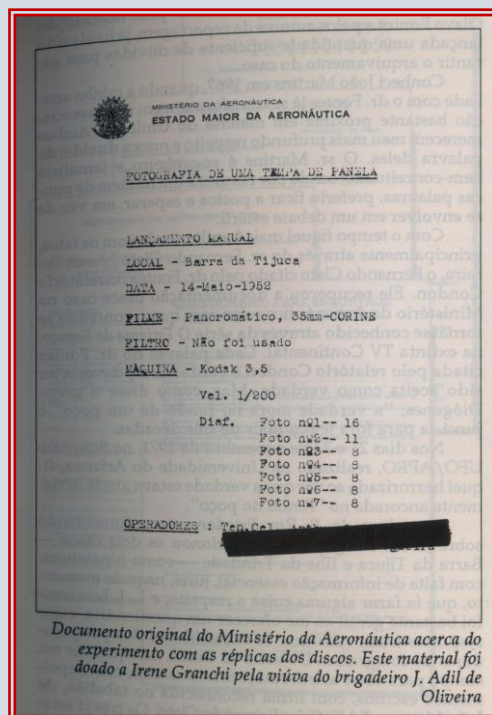
O SEGREDO EM TORNO DOS TESTES DA FAB

A investigação da Força Aérea Brasileira (FAB) se iniciou em 10 de maio de 1952, três dias depois das fotografias terem sido feitas. Os militares encararam tudo a sério e deslocaram especialistas e equipamentos ao local. Uma equipe de técnicos construiu uma réplica exata do disco em madeira. Oficiais à paisana foram vistos pelos pescadores atirando o modelo para o ar no exato momento em que o disco original apareceu. Procederam a levantamentos e elaboraram diagramas detalhados indicando a posição do azimute (ângulo formado pela vertical de um astro ou de um objeto com o meridiano do lugar), a trajetória e a distância. Nos minuciosos relatórios, concluíram pela autenticidade das fotos de Keffel e Martins.



Os oficiais em trajes civis com a réplica do disco em papelão pintado

FOTO E DOCUMENTO OFICIAIS PUBLICADOS NO LIVRO DA UFÓLOGA IRENE GRANCHI, UFOS E ABDUÇÕES NO BRASIL (RIO DE JANEIRO, NOVO MILÊNIO, 1992, P. 36-37).



Documento original do Ministério da Aeronáutica acerca do experimento com as réplicas dos discos. Este material foi doado a Irene Granchi pela viúva do brigadeiro J. Adil de Oliveira

Os jornalistas estrangeiros que conversaram com os pescadores ouviram deles a versão de que o disco era um modelo arremessado para o ar. Apressadamente, divulgaram que tudo fora uma brincadeira de jornalistas desocupados em uma tarde de folga. A Força Aérea Norte-Americana [*United States Air Force (USAF)*] comunicou ao Serviço de Imprensa da Embaixada que não considerava as fotos autênticas, pois as sombras no objeto não coincidiam com as das árvores.

O segredo em torno dos testes da FAB só foi parcialmente quebrado durante uma conferência na Escola Superior de Guerra (ESG) em 3 de outubro de 1954, ocasião em que a legitimidade das fotos foi defendida. O ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira resgatou a documentação no Ministério da Aeronáutica e fez com que seu conteúdo se tornasse conhecido por meio da série O enigma do espaço, exibida pela extinta TV Continental em 1959, época em que o público já tinha se acostumado com o assunto.

O médico gastroenterologista e ufólogo pioneiro Olavo Teixeira Fontes (1924-1968), membro do corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil [atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)], enviou cópias da reportagem e das fotos à Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos [*Aerial Phenomena Research Organizations* (APRO), associação civil fundada em 1952 pelo casal Jim e Coral Lorenzen, no estado do Arizona, Estados Unidos], da qual era representante, o que resultou na inclusão do caso no Relatório Condon, que o classificou como “inconsistente” [*A Scientific Study of Unidentified Flying Objects*, Universidade do Colorado, 1969, caso nº 48, p. 418].

Fontes, que havia tomado conhecimento do relatório por intermédio de Cleto em 11 de outubro de 1959, escreveu um longo artigo publicado no número especial do Boletim da APRO, em outubro de 1961, contando que os negativos estavam em poder do laboratório de reconhecimento da FAB. O tenente-brigadeiro Eduardo Gomes (1896-1981) apresentou a um público seletivo – no qual se incluía Pereira, então funcionário do Banco do Brasil – os resultados de sua pesquisa oficial, que resumimos a seguir:

1. A foto 1 sempre representou um entrave na interpretação da sequência. Nela temos a impressão de ver uma hélice na parte inferior do “disco”, enquanto nas demais não existe tal hélice. Pela reconstituição em outro documento do estudo feito pela FAB, verifica-se perfeitamente que o “disco” da foto 1 é o mesmo do resto da sequência. O que nos transmite a falsa impressão de dois planos é apenas um efeito de luz e sombra;
2. Estudos de perspectiva, da inclinação da linha de visada com o horizonte, bem como da inclinação do plano do “disco”, concluíram que a altitude dele no momento da fotografia, era de 490 metros, e a distância ao observador, de 1.500 metros. O mesmo estudo, incluindo aqueles relativos a azimute, distância zenital, declinação e ângulo horário, foi feito para cada fotografia da sequência;
3. As posições do objeto foram obtidas em face do azimute que a FAB calculou para cada fotografia. E sucessivamente temos: na foto 2, o objeto está a 2.000 metros de distância e 930 metros de altitude. Nas fotos 3, 4 e 5, respectivamente, a 1.200, 1.100 metros e 3.000 metros de distância, e 940 metros, 720 metros e 580 metros de altitude. Todos esses movimentos confirmam exatamente a descrição que deles fez João Martins.

E mostram também a impossibilidade de fraude, uma vez que não é exequível jogar um “disco de madeira” nas distâncias registradas.

O CETICISMO DE CIÊNCIA POPULAR

Uma das raras publicações que se insurgiram contra o disco voador que “marcara entrevista exclusiva” na Barra da Tijuca foi a revista mensal carioca *Ciência Popular*, fundada por Arnaldo Nabuco Maurell Lobo. O diretor-geral na ocasião era Ary Maurell Lobo, autor dos artigos contra os discos voadores. Na edição seguinte ao caso, Ary registrou que haviam sido procurados por inúmeros leitores, ainda sob a impressão dos noticiários de *O Cruzeiro* e do jornal vespertino *Diário da Noite*. Com ceticismo, assinalou no artigo “Os discos voadores” que não era preciso acrescentar uma só palavra ao estudo que fizeram no nº 22, de maio de 1950, no qual concluíam que não existia na Terra um aparelho com as características técnicas apontadas:

Salientamos as molecagens que têm sido feitas nos Estados Unidos e Europa com o lançamento de pequenos discos no espaço. Tudo quanto saiu publicado nos periódicos mencionados pode ser facilmente obtido por esse processo, ou mediante uma montagem especial, com sucessivas fotografias. Não queremos afirmar que a sensacional reportagem seja de tão criminosa natureza, mas não a aceitamos, ainda mais porque a parte do ‘furo’ do *Diário da Noite* que se refere à invenção de um sargento brasileiro foi por nós publicada há mais de anos, ocasião em que salientamos o nenhum valor dela! [“Os discos voadores”, *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, junho de 1952, nº 45, p. 52].

Ciência Popular voltava à carga em novembro. Lobo aludia ao fato de que nos Estados Unidos o mistério dos discos voadores estava sendo objeto de estudos rigorosos por parte da USAF, “que chegou mesmo a organizar uma seção especial para estudar o assunto”.

As primeiras conclusões em torno dos trabalhos realizados a partir de 1947 indicavam que, de 2.400 casos estudados, nada menos de 2.000 tinham origem natural: reações luminosas provenientes da alternância de camadas de ar quente e frio, trajetórias de bólidos, balões sondas e sobretudo ionização da alta atmosfera. Para simular esse fenômeno, o perito militar Noel Scott utilizou uma campânula, obtendo protuberâncias alaranjadas, verdadeiros “discos voadores” a domicílio, perfeitamente explicáveis.

Ary Lobo aproveitou tais informações para lembrar em seu artigo “Desvendando o mistério dos ‘discos voadores’!”, que

os homens da ciência estão acostumados a tais coisas: fatos sem a menor ligação com os conhecimentos anteriores acabam finalmente encontrando a sua explicação. Com Franklin, há 180 anos, o raio era tão ‘misterioso’ quanto os ‘discos voadores’ antes de Scott esclarecer o fenômeno. Na tangente dos leigos, esses continuarão ‘vendo’ os ‘discos voadores’ frequentemente, e os espertalhões até conseguirão ‘fotografá-los’. [“Desvendando o mistério dos ‘discos voadores’!”, *In Ciência Popular*, Rio de Janeiro, novembro de 1952, nº 50, p.45].

A edição de dezembro de 1954 de *Ciência Popular* trazia na capa o desenho de discos voadores atacando e destruindo uma vila, com pessoas tomadas pelo pânico, em uma cena que remetia ao filme *Guerra dos mundos* (*War of the Worlds*, baseado no livro homônimo de H. G. Wells). Na contracapa, um texto alertava para

o propósito deliberado de criar o terror no grande público, de levar a gente simples do povo ao máximo da tensão nervosa, não só para alcançar determinados favores com prejuízo da coletividade cedente mas também para vender revistas e jornais que apenas circulam a custa da exploração de assuntos escandalosos ou fantasiosos. Haja vista o que está acontecendo com os discos voadores, a mais miserável chantagem dos últimos tempos.

No artigo “Os discos voadores, ridícula psicose coletiva”, *Ciência Popular* afirmava que até então

todas as fotografias de discos voadores dadas a lume, sem exceção de uma só, todas, todas são absolutamente falsas, ou em outras palavras mais fortes: são torpemente falsificadas pelos escroques que estão tomando conta da imprensa em todo o mundo. Não tem faltado a esses vigaristas o apoio de altas autoridades civis e militares, altas nas posições de mando e na ignorância enciclopédica. No estado atual das ciências e das técnicas, nem um aparelho terrestre pode possuir as características reveladas, nem tão cedo elas serão conseguidas. Em outros planetas deve realmente existir outras espécies de vidas, mas os fatos já conhecidos permitem pôr de lado a hipótese de máquinas interplanetárias. Restam os fenômenos luminosos, riscando o espaço, e as psicoses, confundindo o cérebro dos tolos e dos fracos. [“Os discos voadores, ridícula psicose coletiva”, in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, dezembro de 1954, nº 75.]

No mês seguinte, Ary Lobo vinha disposto a encerrar de vez as discussões:

Os jejunos em ciência, sem mais nem menos, convenceram-se de que os marcianos andam em alvoroço com as explosões atômicas dos americanos e dos russos. Os coitados não sabem que esses rebentamentos não passam de traques de São João em confronto com as estrelas novas! Os imbecis e os tolos estão crentes, sem que jamais estudassem algo a respeito, de que existe em Marte uma civilização mais alta que na Terra. Ora, para azar deles, os homens de ciência admitem exatamente o contrário. Assim, serão mais fáceis as travessuras dos terreaus em Marte do que as dos marcianos na Terra!

Duas fotos ilustravam o artigo, mostrando o físico norte-americano Scott ionizando a atmosfera e produzindo alguns dos efeitos assinalados pelas testemunhas. “O mais interessante é que as bolas luminosas do doutor Scott são detectadas pelo radar.”

A posição corajosamente assumida por Ary Lobo – numa época em que era muito mais fácil crer do que duvidar, como é até hoje –, apesar de parcial e intransigente, mostrou-se acertada com o decorrer do tempo.

Ele criticou o sensacionalismo de jornais e revistas que exploravam o rico filão dos discos voadores em vez de se ocuparem com aparelhos realizáveis pela ciência moderna.

Ao mesmo tempo em que condenou Keffel e Martins, Ary Lobo aproveitou para ironizar a precariedade dos equipamentos das Forças Armadas brasileiras, produto “da pobreza nacional, sobretudo em matéria de vergonha”:

Finalmente, os ‘discos voadores’ rumaram para o Brasil. Marcaram o primeiro encontro, na Barra da Tijuca, com dois ladinos repórteres de *O Cruzeiro*, magazine que precisa vender uma tiragem de 750 mil exemplares por semana. Depois, passaram a espionar as bases aéreas brasileiras, para avaliar com certeza o poderio bélico da Terra da Santa Cruz, que tem mais generais e almirantes e brigadeiros que soldados. Ora, só e só esta última façanha dos ‘discos voadores’ deveria ser suficiente para os desmoralizar completamente. Tais engenhos teriam de provir de um lugar habitado por seres de fenomenal inteligência, e tão somente gente muito burra ignora que nada há para espionar por aqui, já que o Brasil não passa, quanto ao potencial bélico, de um zero bem redondo, ou talvez mais exatamente de um googol de zeros, resultado muito lógico da pobreza nacional, sobretudo em matéria de vergonha. [“Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose”, in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, janeiro de 1955].

Muitos leitores andavam procurando Ary Lobo a fim de que opinasse sobre a conferência do coronel João Adil de Oliveira (1907-1976) na Escola Técnica do Exército (ETE), no Rio de Janeiro, que contara com a presença dos dois repórteres de *O Cruzeiro*. Lobo não viu novidades no conteúdo exposto: “Eu o conhecia de jornais e revistas da Itália, da França e da América do Norte, daqueles que se aproveitam dos imbecis e psicopatas que pululam no grande público.” O chefe do Serviço Secreto da Aeronáutica se limitou a resumir notícias e comentários de veículos como *Noir et Blanc*, *Paris Match*, *L’Europeo*, *Tempo*, *Point de Vue*, *Settimo Giorno* etc.

Para pôr um ponto final “nesta chantagem, imbecilidade e psicose”, Ary Lobo bradou “da maneira mais peremptória possível” que os brasileiros estavam sendo vítimas de inominável zombaria. As falsas fotografias teriam sido obtidas da seguinte maneira, na acepção de Ary Lobo: enquanto um deles jogava o modelo de papelão pintado para o alto, o outro, de joelhos, ia rodando o filme. O coronel Adil, que não era tão inexperiente e ingênuo quanto a sua desastrada conferência o fez parecer, foi “vítima dos serviços de ‘inteligência’ que existem no Brasil, em sua maioria os mais incapazes deste mundo”, porque não se dedicava aos estudos científicos. De qualquer maneira, Ary Lobo não perdoou Adil por permitir que fosse usado na encenação de um inqualificável embuste: “Por que o coronel não ouviu o Gabinete de Pesquisas Periciais do Departamento Federal de Segurança Pública que não se deixou enganar pelos dois espertalhões? Assim ficaria sabendo que as fotografias ali estiveram para exame e foram devolvidas sem parecer.” [Ciência Popular, Rio de Janeiro, janeiro de 1955, nº 76, p. 2].

A POLÊMICA: AS FOTOS RESISTEM À ANÁLISE CIENTÍFICA?

Keffel e Martins não reagiram de imediato aos ataques, o que pareceu uma admissão da fraude. Só depois, com a confusão já estabelecida, emitiram uma declaração conjunta de 10 itens, que aqui resumimos:

1. Estavam na Barra a serviço para fazer uma reportagem sob a orientação do diretor de redação. O que aconteceu foi uma coincidência;
2. A máquina usada foi uma Rolleiflex – que ficaria em poder da filha de Keffel, residente em Porto Alegre –, lente Tessar, diafragma 3.5, distância focal de 7,5 centímetros.

Não foi empregado nenhum filtro, nem para-sol. A velocidade dos instantâneos foi de 1-500 (cinco centésimos de segundo). Diafragma entre 8 e 11. Filme preto e branco Kodak Super XX. Foco no infinito;

3. Não usaram teleobjetiva, “pois não tinham encontro marcado com o disco”;
4. A primeira fotografia, mesmo tomada contra o Sol, ficou boa devido à qualidade da lente Rolleiflex, a grande velocidade empregada e a pequena abertura do diafragma;
5. Os cinco instantâneos foram feitos por Keffel em um minuto. Fato em nada extraordinário, pois o próprio Keffel conseguiu provar que fazia até doze chapas em um minuto;
6. Foi difícil calcular o tamanho e a altura em que se encontrava o disco, uma dúvida que surgiu muito na época;
7. Este é o ponto mais discutido. Refere-se à foto número quatro, na qual aparece uma palmeira na paisagem, sugerindo uma discordância de sombras entre o disco e o mato da elevação. Eles responderam com um desafio: que qualquer pessoa fotografasse a mesma paisagem, do mesmo local e na mesma hora, para que comprovassem que a discordância de sombras era uma simples ilusão de óptica;
8. Sobre a possibilidade de terem sido os negativos adulterados, refutaram com a prova de que não participaram da revelação do filme, sendo as fotos do disco as cinco últimas ao lado de outras sete impressas horas antes, inclusive dos dois comendo camarão no “bar do compadre”;
9. Teriam jogado um disco falso para o ar? Segundo eles, seria um milagre obter, em cinco chapas consecutivas, cinco posições diferentes desse disco, em diversas e grandes distâncias;

10. O negativo permanecia no cofre-forte da revista, não tendo sido entregue a nenhuma potência estrangeira.

Durante o simpósio UFO/APRO na Universidade do Arizona, entre os dias 21 e 22 de novembro de 1971, a ufóloga decana Irene Masloum Granchi (1913-2010) ficou horrorizada ao constatar que “a verdade ainda estava firmemente ancorada no fundo do poço”. O matemático e físico Bernard Roy Frieden (1936-) argumentou que faltavam informações essenciais, o que a levou a retomar as pesquisas, conforme escreveu em seu livro UFOs e Abduções no Brasil [Rio de Janeiro, Novo Milênio, 1992, p. 38].

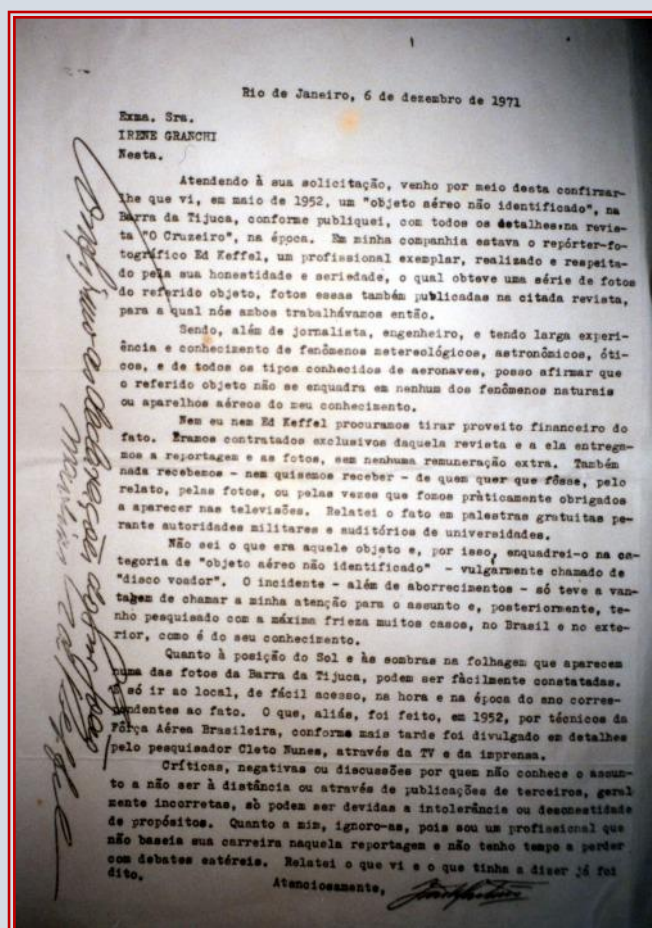
Em entrevista concedida a mim e a Pablo Villarrubia Mausó em seu apartamento na Praia de Botafogo, em 21 de fevereiro de 1996, Irene reafirmou que continuava acreditando na veracidade das fotos tendo em vista “a reputação ilibada dos dois repórteres”. Após tantos anos, ela lamentou que as fotos tivessem caído em descrédito, apesar de seus esforços.



CLÁUDIO SUENAGA AO LADO DE IRENE GRANCHI NO APARTAMENTO DESTA EM BOTAFOGO, ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO, EM 21/021996. FOTO DE PABLO VILLARRUBIA MAUSO.

Por solicitação de Irene e com a anuência de Keffel, Martins endereçou a ela uma carta-depoimento datilografada, datada de 6 de dezembro de 1971, confirmando a legitimidade do que fizeram e presenciaram. Irene guarda uma carta de Martins, em que este ressalta que nem ele nem Keffel obtiveram vantagens financeiras:

Éramos contratados exclusivos da revista e a ela entregamos as fotos, sem nenhuma remuneração extra. Também nada recebemos – nem quisemos receber –, de quem quer que fosse, pelo relato, pelas fotos, ou pelas vezes que fomos praticamente obrigados a aparecer nas televisões. Proferi palestras gratuitas perante autoridades militares e auditórios de universidades. Não sei o que era aquilo, por isso enquadrei-o na categoria de ‘objeto aéreo não identificado’, vulgarmente chamado de ‘disco voador’. O incidente – além de aborrecimentos – só teve a vantagem de chamar a minha atenção para o assunto, levando-me a pesquisar com a máxima frieza outros casos no Brasil e no exterior.



A CARTA DE JOÃO MARTINS A IRENE GRANCHI, DATADA DE 06/12/1971, NA QUAL REAFIRMA A VERACIDADE DAS FOTOS DO DISCO VOADOR NA BARRA DA TIJUCA.. FONTE: ARQUIVOS DO AUTOR.

Quanto à posição do Sol e das sombras na folhagem, “podem ser facilmente constatados. É só ir ao local, de fácil acesso, na hora e na época do ano correspondentes. O que aliás foi feito em 1952 por técnicos da FAB, conforme divulgaria Cleto por meio da imprensa.” Críticas negativas de quem não conhece o assunto a não ser à distância ou por meio de terceiros, eram “devidas à intolerância ou desonestidade de propósitos. Quanto a mim, ignoro-as, pois sou um profissional que não baseia sua carreira naquela reportagem e não tenho tempo a perder com debates estéreis. Relatei o que vi e o que tinha a dizer já foi dito.” Na lateral esquerda da carta, Keffel escreveu, assinando embaixo: “Confirmo as declarações do senhor João.”

Além da carta de Martins, Granchi recebeu em 1973 uma outra de um médico do Rio de Janeiro contando que ele e sua esposa, na época sua noiva, tinham estado na Barra da Tijuca “em 1951 ou 1952”, próximo do local onde as fotos foram feitas. O segredo era só agora revelado – o médico leu no jornal *O Globo* uma matéria em que Granchi manifestava seu interesse pelos OVNI's – porque temia prejudicar sua carreira. Numa tarde clara e ensolarada, saiu de carro com sua noiva para um passeio na Barra. Por volta das 15 horas, dirigiam-se ao bairro do Recreio dos Bandeirantes pela avenida que margeia o mar. Na altura do Km 6, avistaram um objeto metálico que em princípio pensaram ser um avião: “Nessa época quase não se falava em disco voador e nós nem supusemos que pudesse tratar-se de um aparelho desse tipo.” Com o carro parado, ficaram a observá-lo por uns dois ou três minutos, até que, de repente, desapareceu atrás das montanhas no começo da Barra: “Qual não foi minha surpresa na semana seguinte ao ler em *O Cruzeiro* uma sensacional reportagem sobre o aparecimento de um disco voador naquele mesmo lugar, data e hora [...]. Em tempo.

Sou médico e não gostaria de nenhuma publicidade em que aparecesse o meu nome, sendo o assunto que lhe transmiti de ordem confidencial.”

As missivas, por si sós, não bastaram para arrefecer as dúvidas. No II Congresso Internacional de Ufologia em Brasília, em 1983, desatou-se o conflito entre os ufólogos. De um lado, defendendo a autenticidade, Irene Granchi, presidente do Centro de Investigação sobre a Natureza de Extraterrestres (CISNE), do Rio de Janeiro; do outro, desmontando o embuste, Carlos Alberto Reis, diretor, entre outras fundações, do Centro de Estudos Extraterrestres (CEEX), de São Paulo.

A revista *Planeta Especial: Ufologia* retomou a polêmica em março do ano seguinte com a matéria de Reis intitulada “As fotos não resistem ao enfoque científico”. De posse da documentação original, Reis detectou falhas técnicas que se contrapunham à suposta veracidade das “famigeradas” fotos [“As fotos não resistem ao enfoque científico”, *in* *Planeta Especial: Ufologia*, São Paulo, Ed. Três, nº 138-C, março de 1984, p. 13-14]. As análises computadorizadas do grupo Observadores Terrestres de Discos [*Ground Saucer Watch* (GSW)], em fins de 1981, referendaram Reis. Tão logo souberam dos resultados, os ufólogos apaniguados de Martins atacaram o grupo norte-americano como não sendo digno de confiança. [Granchi, Irene. “As testemunhas são confiáveis”, *in* *Planeta Especial: Ufologia*, São Paulo, Ed. Três, nº 138-C, março de 1984, p. 18-20].

Os laudos do GSW atestaram que:

1. As sombras do OVNI e da paisagem de fundo são contrárias – referindo-se à quarta foto;
2. O ponto de fatoração – ou “acentuação da imagem”, nas palavras de Granchi – é muito contrastante.

A montanha e a solitária árvore revelam distorções atmosféricas, indicando estarem a grande distância da câmara. Entretanto, as bordas do objeto estão quase uniformes, indicando que a imagem está próxima da câmera;

3. Como temos dúvida se o fotógrafo tinha ou não acesso à técnica sofisticada de dupla exposição, a nossa opinião é a de que o mesmo se utilizou de uma simples montagem técnica. Por não possuímos os negativos originais, não podemos afirmar isso, ainda mais por não termos medidas absolutas de densidade.

Na opinião de Reis, os dois jornalistas não tinham ideia da repercussão que o caso iria adquirir, por isso não se preocuparam em corrigir as gafes técnicas. Às ponderações, acrescentou uma crítica à ufologia brasileira em geral:

A análise dos acontecimentos deve ser levada de maneira imparcial, isenta de simpatias e preferências pessoais. Mais do que nunca acredito que a seriedade de uma ciência só é construída a partir do grau de credibilidade e confiança que ela desperta. Lamentavelmente, o que observamos hoje é a ufologia brasileira permeada de um misticismo incontrolado, de uma intensa mistificação que não se harmoniza com seus legítimos princípios. No passado, os ufólogos sofriam o escárnio de uma sociedade alheia ao íntimo dos acontecimentos; a ironia e o descrédito campeavam e estampavam-se nas fisionomias dos incrédulos e opositores. Hoje, entretanto, somos nós que rimos daqueles que insistem em fazer dessa disciplina o trampolim para o disfarce de suas frustrações pessoais ou motivo de suas zombarias e menosprezo. [Reis, Carlos Alberto, op. cit., p. 15-17].

**ARMAÇÕES DO IMPÉRIO DE PAPEL: OS MITOS
INVENTADOS NOS BASTIDORES DE *O CRUZEIRO***

Diante de algo tão inédito, fascinante e misterioso, os “crentes” da década de 50 sentiram a necessidade de convencer os que relutavam em aceitar a existência dos discos voadores, embora estivessem muito distantes do mais pueril entendimento. Para tanto, faltava uma “imagem” primordial. Dois repórteres foram responsáveis diretos por isso – cumpre lembrar que nos Estados Unidos os repórteres desempenharam um papel indireto, mas preponderante, ao divulgarem o relato de Arnold –, sem que previssem a dimensão histórica que o episódio tomaria.

O veículo não poderia ser outro senão a revista semanal de maior circulação à época e até hoje a de maior sucesso de todos os tempos no Brasil, *O Cruzeiro*, cuja tiragem atingia espantosos 750 mil exemplares num país que contava com cerca de um terço da população do final do século XX – pelos dados do censo de 1950, 51.944.397 habitantes. O estado da Guanabara, então Distrito Federal, contava com pouco mais de dois milhões de habitantes [Instituto Brasileiro de Estatística, Departamento de Censos].

O Cruzeiro foi criado em 1928 por Carlos Malheiro Dias [também grafado como Carlos Dias e como Carlos Malheiros Dias (1875-1941)], passando posteriormente a integrar com *A Cigarra* o império de comunicações Diários Associados, fundado em 1924 pelo jornalista e megaempresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais como conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô (1892-1968) – o “Cidadão Kane” brasileiro –, ganhando circulação nacional, no que foi pioneira, e chegando a possuir uma edição internacional, em língua espanhola, que circulava até no sul dos Estados Unidos.

Na década de 50, a empresa se transformou no que se transformaria a Rede Globo – do jornalista e megaempresário Roberto Pisani Marinho (1904-2003) –, no início dos anos 70, faturando bilhões. Assim, o apoio desse órgão de comunicação era muito importante para os governos do período. O grupo Diários Associados chegou a reunir 90 empresas – incluindo 9 emissoras de televisão e 28 emissoras de rádio. Em 1980, o presidente João Batista de Oliveira Figueiredo (1918-1999) decretou a liquidação de 7 emissoras de televisão. Em 1997, ainda era o sexto maior grupo na área de comunicação, reunindo 6 emissoras de televisão, 13 de rádio e 12 jornais, entre eles o *Correio Braziliense*, o *Estado de Minas* e o *Diário de Pernambuco*.

A equipe de jornalistas, repórteres, ilustradores e humoristas de O Cruzeiro criou vários mitos naqueles tempos; alguns não foram longe, mas muitos permanecem até hoje. As fotos do disco voador na Barra da Tijuca congregaram os pioneiros de uma “ciência” embrionária, predestinada a enraizar-se no seio da sociedade. Segundo consta, a armação foi ideia da dupla, igualmente célebre, David Nasser [repórter (1917-1980)] e Jean Manzon [fotógrafo francês (1915-1990)], os quais costumavam inventar reportagens fictícias quando faltava assunto e, por extensão, para aumentar as vendas. E como quase todos possuíam uma câmera, o volume de fotos não parou de crescer. A sofisticação dos equipamentos favoreceu as trucagens. Só umas poucas fotos se salvaram, e dentre elas certamente não estão as tiradas na Barra da Tijuca.

O escritor, jornalista, cronista, chargista, desenhista, poeta e teatrólogo Millôr Fernandes (1923-2012), no programa Cara a Cara, da Rede Bandeirantes de Televisão, levado ao ar em 18 de outubro de 1994, ao ser perguntado pela jornalista Marília Gabriela qual o maior “furo” de reportagem de que tinha conhecimento, respondeu que era o “disco voador” da Barra da Tijuca.

De acordo com Fernandes – que ao ensejo trabalhava na redação de *O Cruzeiro* –, Ed Keffel era “técnico fotográfico” e portanto perito em trucagens fotográficas, para o que costumava atirar calotas de pneus para o ar. Com as fotos falsas do disco, obteve um “furo” sensacional de reportagem. Em entrevistas posteriores a outros jornalistas, Fernandes acrescentou: “Keffel e Martins começaram a se atirar em busca de coisas extravagantes. O clima de fantasia criado pelo David Nasser e pelo Manzon permitia isso, a revista incentivava. O Keffel era um bom técnico. Eles foram para a Barra por conta própria. Atiraram calotas, fotografaram e avisaram a redação. Iam explicar a coisa toda para o Leão Gondim, mas quando chegaram lá a direção, com aquela leviandade toda, já tinha avisado a imprensa. O clima estava criado e não tiveram como recuar.”

Faz-se mister acrescentar que João Martins não ficava atrás nem de seu parceiro Keffel nem de seus colegas Nasser-Manzon quando se tratava de urdir notícias para aumentar as vendas de *O Cruzeiro*. Basta lembrar que foi ele quem, em julho de 1954, inventou a célebre e até hoje exaustivamente repetida lenda de que a nossa representante no concurso de Miss Universo daquele ano, a fervilhante e encantadora baiana de cabelos dourados, olhos azuis e beleza estonteante Maria Martha Hacker Rocha (1936-), teria perdido o título para a norte-americana Miriam Stevenson por causa de “duas polegadas” a mais nos quadris.

Diretor de redação de *O Cruzeiro* por mais de quarenta anos, o médico e jornalista Accioly Netto revelou em seu livro *O Império do Papel: Os Bastidores de O Cruzeiro* que tudo foi combinado entre Martins e os demais jornalistas brasileiros que estavam em Long Beach a fim de consolar o orgulho nacional, abalado por um novo segundo lugar, essa sina que parecia nos perseguir desde a perda da Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai em pleno Maracanã.

Tal como naquela vez, a vitória do Brasil era dada como certa [O Império do Papel: Os Bastidores de O Cruzeiro, Porto Alegre, Sulina, 1998]. Apesar de ter admitido que nunca soube se “essa história de duas polegadas teria sido verdade mesmo”, a própria Martha autorizou a versão, conforme consta de sua autobiografia [Pessoa, Ida. Martha Rocha: Uma Autobiografia, Rio de Janeiro, Objetiva, 1999]. O segundo lugar, consagrado com a lenda das “duas polegadas” – se outros fatores, como sociais e políticos, estavam por trás do boicote ao Brasil no concurso, pouco importava –, deu a Martha Rocha a fama absoluta, transformando-a num mito, uma referência nacional de beleza.

KEFFEL DIZ QUE NÃO FOTOGRAFARIA O DISCO NOVAMENTE

Diferentemente dos outros dois contatados – Adamski e Baraúna –, Keffel, “o descobridor do disco no Brasil”, não gostava de relembrar o passado. Em 1973, então com 70 anos e vivendo no centro nervoso de Copacabana, ainda se dedicava ao jornalismo como correspondente da revista alemã *Bunte Illustrierte* e procurava manter-se atualizado na arte fotográfica.

Keffel nasceu na cidade de Speyer, Alemanha, e emigrou para o Brasil em 1936. Trabalhou na *Revista do Globo*, em Porto Alegre, e em *O Cruzeiro* de 1948 a 1969. Mais de duas décadas depois das fotos, Keffel ainda era reconhecido por onde passava. Num jantar oferecido na Prefeitura de Blumenau (SC), repetiu-se uma cena que para ele se tornara extremamente monótona. Um senhor aproximou-se com ar misterioso e falou: “Conte-me como é que foi aquele truque.” Para não alongar a conversa, Keffel resolveu assentir. Havia dois tipos de gente que o abordavam. Um era igual a esse senhor de Blumenau.

O outro pedia que contasse as passagens daquele 7 de maio. Extasiava-se com os detalhes e exprimia: “Que coisa fabulosa.”

KEFFEL

“Se aparecer outro disco, viro as costas, fecho os olhos, saio correndo. Quem vai acreditar?”

conforme disse, no início do canal interior da Barra. Era a primeira vez que tornava a pisar na areia daquela praia, a mesma onde se sentara com o repórter João Martins naquela tarde ensolarada, após devorar uma peixada suculenta.

— Nós estávamos aqui, distraídos com o grande número de aviões comerciais que davam a volta para tomar a pista do Santos Dumont. Ficamos contando aviõezinhos. Naquela época, eu usava óculos para ver ao longe e, quando fiz a primeira foto, me atrapahei com o visor esportivo da minha Rolleiflex, que acabou emperrando. Continuei fotografando o disco por mais quatro vezes, vendo aquele minúsculo ponto pelo vidro despolido da máquina. Foi uma coisa impossível, nós dois muito nervosos e eu perseguindo aquele ponto que se movia.

A seqüência das cinco fotografias, republicadas na semana passada em O CRUZEIRO, levantou muitas dúvidas nos leitores. As principais referem-se ao fato da máquina estar com a velocidade e o diafragma armados no ponto correto e de que, na foto anterior ao início da seqüência, os dois repórteres tinham se deixado fotografar na hora do almoço, o que seria muita coincidência, quase como que querendo provar que os dois estavam ali sem nenhuma preocupação com disco voador, comendo tranquilamente. Keffel explica:



Keffel traça na areia do canal da Barra o perfil do disco da sua seqüência. Emb., a última foto.



O CRUZEIRO, ANO XLV, Nº 51, 19 DEZ. 1973, P. 24 E 28. FONTE: ARQUIVOS DO AUTOR.

Atendendo aos insistentes apelos do repórter Júlio Bartolo, que publicaria a matéria “Keffel, Baraúna e G. Adamski:

Eles fotografaram discos voadores”, na edição de 19 de dezembro de 1973 de *O Cruzeiro*, Keffel tornava a pisar outra vez na areia daquela praia onde se sentara com Martins. Apesar da corrida aos terrenos da Barra da Tijuca, muito valorizados à época, Keffel não fazia nenhuma questão de ter um no local. “Nós estávamos aqui, distraídos com o grande número de aviões comerciais que davam a volta para tomar a pista do Santos Dumont”, começou a lembrar:

Ficamos contando aviõezinhos. Eu usava óculos para ver ao longe e, quando fiz a primeira foto, me atralhei com o visor esportivo da Rolleiflex, que acabou emperrando. Continuei fotografando o disco por mais quatro vezes, vendo aquele minúsculo ponto pelo vidro despolido da máquina. Foi uma coisa impossível, nós dois muito nervosos e eu perseguindo aquele ponto que se movia.

O quebrar das ondas chamou-lhe a atenção, inicialmente:

Era muito bonito, pois vinham ondulando desde o quebra-mar. Focalizei a cena, armei a máquina com 500 de velocidade para as ondas não saírem tremidas, e regulei o diafragma entre 8 e 11, devido ao reflexo do Sol no mar. Não bati a fotografia, mas, quando comecei as do disco, a máquina estava armada assim. Como era a primeira vez que eu ia à Barra e queria mandar uma lembrança à minha mulher que morava em Porto Alegre, tirei uma foto junto com Martins, a peixada em primeiro plano. Depois das fotos do disco corremos para descobrir alguma testemunha, sem no entanto encontrar nenhuma. Ligamos do Joá para a revista, pedindo que aguardasse a nossa chegada. No princípio, não deram muito crédito. Com as ampliações é que aquele ponto se transformou na forma conhecida do ‘objeto’. Aí foi incontrolável. A redação foi invadida, parecia um formigueiro. Todos querendo ver o disco, discutir se era ou não verdadeiro. Alguns me perguntando como fizera o truque. Quase fiquei doido. Até hoje acho que o fato deveria ter sido divulgado com mais tranquilidade.

Indagado se a reportagem do disco havia sido a melhor de sua vida, retrucou que, muito pelo contrário, havia sido a pior: “Na confusão, acusaram-me de tudo. Foi uma fama ingrata.

A revista alemã *Quick*, na briga pelos direitos de publicação, saiu com a manchete: ‘Brasileiros jogam panquecas para o ar’. Quando uma revista estrangeira comprava as fotos, as concorrentes reproduziam a sequência e malhavam a nossa reportagem.”

Keffel reafirmou que não houve trucagens:

Muita gente tentou jogar coisas para o ar na época. Acontecia que a paisagem ficava nítida e o disco fora de foco. Disseram que desenhei o disco num vidro. Meu Deus! Eu precisaria de um vidro tão grande que seria impossível transportá-lo sem ser visto. Fiz as fotos apenas, não participei de nada, nem entrei no laboratório na hora da revelação. Morava no Hotel Riviera, em Copacabana, e não possuía qualquer equipamento além da Rolleiflex. Nem aproveitei a onda, só fiz outros trabalhos relacionados aos discos voadores cumprindo ordens. E só agora volto a lembrar os fatos. Não guardo revistas, recortes de jornais, nada. Os bens materiais que possuo hoje já os possuía antes do disco. Não ganhei um tostão com isso.

Fotografaria o disco novamente caso reaparecesse? “Viro as costas, fecho os olhos e saio correndo. Quem vai acreditar que o disco tenha surgido duas vezes para a mesma pessoa?” [Bartolo, Júlio. “Keffel, Baraúna e G. Adamski: Eles fotografaram discos voadores”, in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19-12-1973, p. 24-33].

O PARECER DO UFÓLOGO CLAUDEIR COVO:

“A MAIOR FRAUDE DE UMA REVISTA BRASILEIRA”

O engenheiro eletrônico e ufólogo Claudeir Covo (1950-2012), especialista em análises fotográficas, sempre foi um céptico em relação ao “Disco Voador na Barra da Tijuca”, classificando-o como “a maior fraude da história de *O Cruzeiro*” e por conseguinte da Ufologia brasileira.



CLAUDEIR COVO NA SALA DE SUA RESIDÊNCIA NO BAIRRO DO IPIRANGA EM SÃO PAULO. FONTE: ARQUIVOS DO AUTOR.

Mais de cinquenta anos depois, lembrou Covo, ainda havia quem defendesse a fraude como verdadeira. Era o caso do gaúcho Flávio Silveira Damm (1928-2020), que começou como auxiliar de laboratório de Ed Keffel, do carioca Accioly Netto (1906-2001) e do gaúcho José Falkenbach Amádio (mais conhecido como Zé Amádio, 1923-1992), editor de *O Cruzeiro* nos anos 50 e 60, ou seja, no auge da revista. Os dois últimos por assumida co-autoria, e o primeiro por uma questão de amizade a Ed Keffel. Os demais, entre os ouvidos, tinham explicações variadas.

Mário de Toledo Leite Moraes, jornalista paulistano mais conhecido como Mário Moraes (1925-1988):

Eles foram atrás do Prestes, que estava foragido. Fui eu que atendi o telefonema do João Martins. Eles foram bons atores, mas depois ficou provado que foi uma fraude. O Leão Gondim encomendou um laudo técnico ao perito Carlos Éboli. Ele comprovou a farsa mostrando que havia duas sombras – e, portanto, dois Sóis, o que não poderia acontecer.

Jorge Audi (1929-2018):

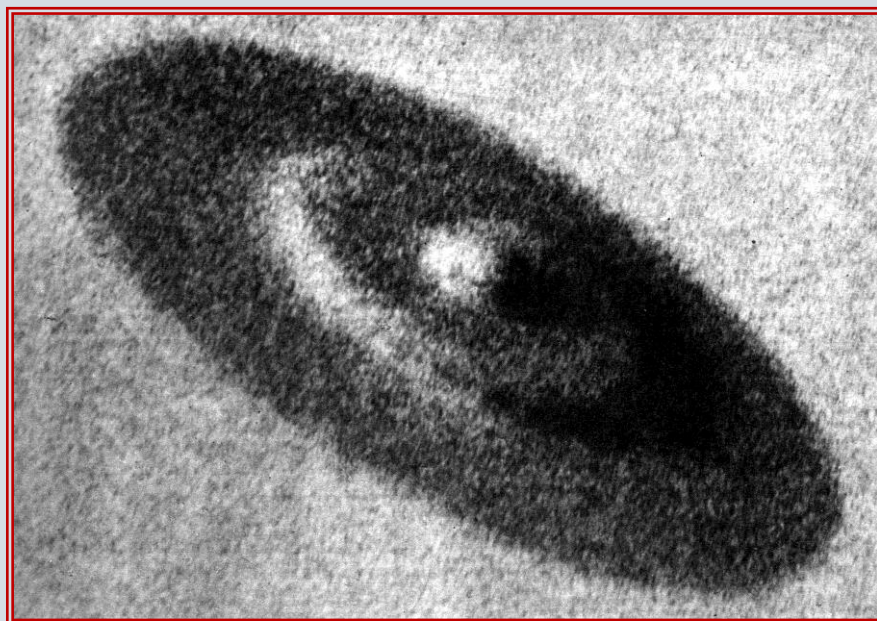
Totalmente falso, um tiro que saiu pela culatra. Eu era amigo pessoal do Carlos Éboli, o melhor cara de polícia técnica no Brasil. Ele me contou, pessoalmente, que o Leão Gondim pediu uma perícia nos negativos. A primeira coisa que ele descobriu é que havia dois Sóis: um à esquerda, outro à direita. Esse laudo foi entregue para o leão, que ficou puto e enfiou na gaveta. O Éboli me mostrou o laudo. Era uma coisa grande, com várias páginas. O Keffel era um gênio da técnica fotográfica no laboratório. Na época em que não havia foto colorida, ele conseguia dar cor, só com reação química. Uma vez, João Martins me contou que o negócio tinha sido uma brincadeira e que depois eles não conseguiram segurar. Ligaram lá da Barra para o diretor, só que o Amádio botou a boca no mundo. Quando eles chegaram à redação já havia um aparato, e eles tiveram que bancar. Eu acredito que o Keffel fotografou o objeto no laboratório, rebobinou o filme e depois fotografou a paisagem por cima.

Cunhado de David Nasser (1917-1980), Audi foi um lendário jornalista e fotógrafo (parte do “esquadrão de ouro” do fotojornalismo brasileiro) que iniciou a carreira no final dos anos 1940 ao ganhar uma câmera em uma rifa no Exército. Após muitos trabalhos independentes, foi finalmente contratado por Nasser. Audi foi o último diretor de redação de *A Cigarra* (1914-1975) e de *O Cruzeiro* (1928-1985).

Covo concluiu que

Os diretores da revista *O Cruzeiro*, tendo em vista que a vendagem estava baixa e que também estava na moda o assunto disco voador, resolveram preparar uma ‘bomba’, para assim aumentar a vendagem. Posteriormente, iriam divulgar como a fraude foi realizada, mostrando assim que é muito fácil fraudar fotos de discos voadores. Só que jamais iriam imaginar que os militares, comandados pelo cel. João Adil de Oliveira, iriam se interessar pelas fotos e pior, acabaram dando autenticidade às mesmas. Assim, tendo em vista os rumos que tomaram o caso, resolveram ‘sustentar’ a grande farsa.

Covo lamentou que a Ufologia brasileira tivesse começado com essa grande fraude, e se perguntou: “Seria esse também o motivo da Ufologia não decolar?”



REVISTA *O CRUZEIRO*, ANO XXVII, Nº 6, 20 NOV. 1954, P. 55.

REFERÊNCIAS

BARTOLO, Júlio. 7 de maio de 1952, quatro e meia da tarde: O dia em que o disco apareceu. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 12 dez. 1973.

_____. Keffel, Baraúna e G. Adamski: Eles fotografaram discos voadores. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 19 dez. 1973.

COVO, Claudeir. Resgatando a Ufologia Brasileira. In **Revista UFO**, Campo Grande (MS), edição 82, 1 nov. 2002. Disponível em <https://ufo.com.br/artigos/resgatando-a-historia-da-ufologia-brasileira>. Acesso em 4 dez. 2022.

GRANCHI, Irene. **UFOs e Abduções no Brasil**. Rio de Janeiro: Novo Milênio, 1992.

GUIEU, Jimmy. *Les Soucoupes Volantes Viennent d'un Autre Monde*. Paris: Fleuve Noir, 1954.

JESSUP, M. K. *The Case for the UFO*. New York: Bantam Books, 1955.

LOBO, Ary Maurell. Os discos voadores. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, junho de 1952, nº 45.

_____. Desvendando o mistério dos “discos voadores”! **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, nº 50, nov. 1952.

_____. Os discos voadores, ridícula psicose coletiva. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, nº 75, dez. 1954.

_____. Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, jan. 1955.

NETTO, Accioly. **O Império do Papel: Os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PESSOA, Ida. **Martha Rocha: Uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

REIS, Carlos Alberto. As fotos não resistem ao enfoque científico. **Planeta Especial: Ufologia**, São Paulo, Ed. Três, nº 138-C, mar. 1984.

VOGY, Cristian. *El Misterio de los Platos Voladores*. Buenos Aires: Editorial La Mandrágora.

A IDEIA ANCESTRAL DOS MUNDOS HABITADOS

FLORI ANTONIO TASCA

RESUMO

O artigo trata da ideia dos muitos mundos habitados, persistente no imaginário humano desde a antiguidade clássica até a atualidade. A exposição parte da compilação feita por Camille Flammarion no clássico “A pluralidade dos mundos habitados”, no qual são listados povos antigos cujo pensamento é coerente com a ideia da multiplicidade de orbes habitados por seres inteligentes. São referidos antigos pensadores gregos e romanos, e também filósofos da Idade Média, com destaque para Giordano Bruno. Para Bruno, há um tópico especial, baseado no clássico “Acerca do infinito, do universo e dos mundos”, no qual o filósofo advoga o postulado dos variados mundos habitados. São ainda referidos pensadores da Idade Moderna, com destaque para Immanuel Kant, quem entendia que todos os planetas seriam habitados. Em seguida, o texto aborda a teoria do “astronauta antigo”, com base nas obras de Erich Von Däniken e Zecharia Sitchin, cada um, a seu modo, postulando a ideia de que na antiguidade a Terra recebeu a visita de seres do espaço, responsáveis por notáveis progressos da raça humana, tanto biológicos (genéticos) quanto científicos e culturais. Conclui-se o artigo com breve referência à relevância do fenômeno UFO nos dias de hoje, a indicar que a antiga crença na existência de outras “humanidades” possa ser confirmada cientificamente em futuro próximo.

PALAVRAS-CHAVE

História. Filosofia. Pluralidade dos mundos. Teoria do astronauta antigo.



SOBRE O AUTOR

FLORI ANTONIO TASCA, gaúcho radicado no Paraná, é graduado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2018), mestre em Direito Privado (1997) e doutor em Direito das Relações Sociais (2001) pela Universidade Federal do Paraná. No campo profissional, é advogado (1993-) especialista em recursos, com forte atuação nos Tribunais brasileiros, além de empresário (2000-)

no ramo cultural, titular de Tasca Editorial (projetos especiais), Instituto Flamma (educação corporativa) e Instituto Ômega (cultura geral). Exerceu a função de Juiz Leigo Voluntário (2009-2014) para o Tribunal de Justiça do Paraná. Foi professor universitário durante duas décadas, atuando como docente, pesquisador, consultor e gestor educacional em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. É membro benemérito do Grande Oriente do Brasil (2018), sócio efetivo do Centro de Letras do Paraná (2006), membro do Instituto dos Advogados do Paraná (2010), integra a Academia de Cultura de Curitiba (2000). É membro honorário da Força Aérea Brasileira (2009). Especialista em Exociências Sociais, participou de várias entidades de cunho ufológico, proferindo conferências e seminários em eventos de abrangência nacional (2015-). Fundou e coordena o PATOVNI – Grupo Ufológico Paraná (2015-), entidade dedicada a estudar e a divulgar temas sobre Cosmologia e Ufologia. É editor da Revista COSMOVNI.

Contato: fa.tasca@tascaadvogados.adv.br.

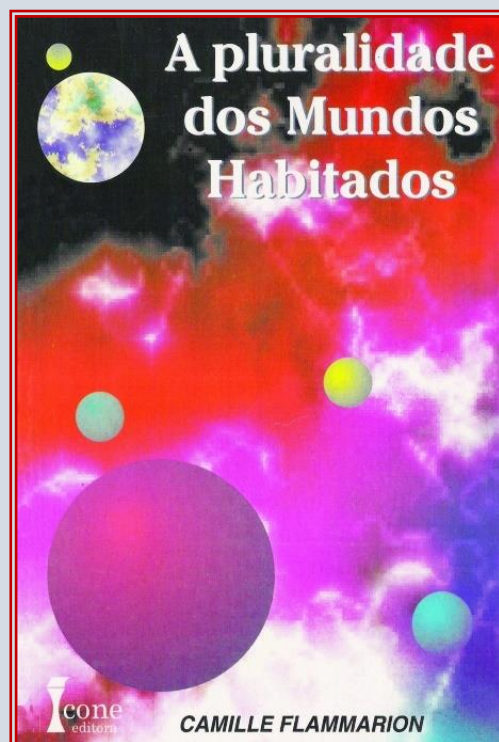
OUTRAS HUMANIDADES?

Algum antropólogo, historiador ou filósofo do futuro, quando as viagens ao passado já forem factíveis, poderia propor e executar um projeto de investigação científica cujo objeto seria o pensamento (ideário) de gerações passadas sobre a possibilidade da existência de outros mundos habitados, para além da Terra. Naquele futuro, a humanidade já estaria em contato e teria estabelecido relações com outras “humanidades”, vale dizer, com espécies sencientes e tecnológicas, vindas de outros planetas, desta e de dimensões paralelas. Enquanto isso não se apresente plausível no campo dos fatos, propõe-se um esforço para resgatar, via registros histórico-literários, como os antigos pensavam a respeito da questão alienígena, a fim de que seja possível esboçar um rascunho daquilo que o hipotético viajante temporal poderia descobrir em sua investigação.

Diferentemente do pensamento de muitos, a crença na existência da vida alienígena é um fenômeno antigo e recorrente na história humana. Seria lícito supor que tal noção tenha aparecido com a própria inteligência humana, quando as pessoas olhavam para o céu estrelado e refletiam a respeito dessa estonteante visão. Com efeito, a noção de outros mundos habitados permeou as tradições de praticamente todos os povos, integrando os dogmas e os textos sagrados da maioria das religiões antigas.

Nos meados do Século XIX, a tarefa de resgatar esse ideário, no mundo ocidental, foi cumprida com maestria pelo astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925), quem procedeu a um resgate histórico sobre a crença na vida inteligente em outros planetas. Publicado no livro “A pluralidade dos mundos habitados” (FLAMMARION, 1995), o estudo revela não só a persistência dessa crença no curso da História, mas ainda que ela foi partilhada por destacados pensadores de todas as eras, países e credos, não sendo, portanto, característica de algum grupo em especial.

O tema foi abordado nos Vedas hindus, no Código de Manu, nos livros de Avesta e na doutrina de Zoroastro. Aparece também junto aos pensadores egípcios, embora circunscrita aos sete planetas visíveis e à Lua, chegando à Grécia, onde foi ensinada pela maioria das seitas. Flammarion (1995, p. 30) lista vários filósofos gregos que comungavam da ideia, dentre eles o precursor, Tales (624-546 a.C.), também Anaximandro (610-546 a.C.), Anaxímenes (588-524 a.C.), Empédocles (495-430 a.C.), Aristarco (320-250 a.C.),



FONTE: AMAZON

Leucipo (?-370 a.C.), Ferécides (550-520 a.C.), Diógenes (412-323 a.C.) e Arcesilau (315-240 a.C.).

Alguns desses filósofos mantinham essa concepção em grupos restritos, como ocorreu com Pitágoras (570-495 a.C.), o primeiro grego a levar o nome de “filósofo”, que declarava apenas a alguns privilegiados a sua crença no movimento da Terra e na pluralidade dos mundos. Xenófanes (570-475 a.C.) compartilhava da ideia e Pétron chegou a escrever um livro sustentando a existência de 183 mundos habitados. Essa opinião teria chegado à Índia e ali se difundido.

O filósofo Epicuro (341-270 a.C.) igualmente ensinou sobre a pluralidade dos mundos, postulando que, se eram infinitas as causas que produziram o mundo terreno, os efeitos dessas causas também deveriam ser infinitos. Metrodoro (310-278 a.C.) pensava ser absurdo existir um único mundo no espaço infinito, como seria absurdo também imaginar que só poderia crescer uma espiga de trigo num vasto campo (FLAMMARION, 1995, p. 37).

Adepto do epicurismo, o poeta e filósofo romano Lucrécio (94-50 a.C.) daria um dos mais eloquentes testemunhos a favor da existência dos muitos mundos habitados.

Lucrécio entendia que o mundo visível não era o único na natureza e que se deveria acreditar que houvesse, em outras regiões do espaço, outras Terras, outros seres e outros humanos. Em suas palavras:

Se os princípios geradores deram nascimento a massas de onde saíram o céu, as ondas, a terra e os seus habitantes, é preciso admitir que, no resto do vazio, os elementos da matéria geraram um sem-número de seres animados, mares, céus, terras, e semearam o espaço de mundos semelhantes àquele que se equilibra sob nossos passos nas vagas aéreas. Onde quer que a imensa matéria encontre espaço para contê-las e não encontre nenhum obstáculo à sua ação, fará eclodir a vida sob formas variadas. (FLAMMARION, 1995, p. 38)

Note-se que tal declaração é anterior ao início da era cristã, o que evidencia a antiguidade da ideia de outros mundos habitados por seres semelhantes aos humanos. Entretanto, nos primeiros tempos do Cristianismo a ideia só se preservaria em espíritos independentes, como Plutarco (46-120 d.C.) e Orígenes (185-253 d.C.). Bispos da primitiva Igreja Católica passaram a enquadrar tal hipótese na categoria de “heresia” e consideravam errada a tentativa de sondagem dos “mistérios de Deus”. Contribuiu para essa involução a visão de Aristóteles (384-322 a.C.) sobre a incorruptibilidade dos céus e a interpretação dos livros sagrados de que a Terra seria imóvel. A existência de outros mundos passava a ser, então, uma ideia combatida.

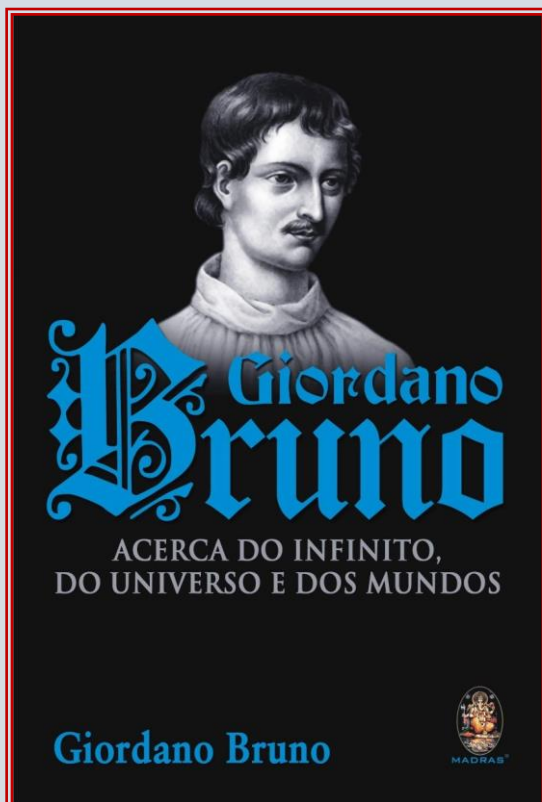
Apesar disso, durante a Idade Média alguns pensadores endossaram a ideia da pluralidade dos mundos habitados, alguns de forma mais tímida do que outros, receando comprometer-se aos olhos da Igreja, especialmente por seu braço repressivo, a “Santa Inquisição”.

Flammarion (1995, p. 44) relaciona os nomes de Nicolau (1401-1464), Montaigne (1533-1592), Galileu (1564-1642), Brahe (1564-1601), Descartes (1596-1650), Moestlin (1550-1631), Kepler (1571-1630), Cardan (1501-1576) e Campanella (1568-1639). E menciona também um filósofo que, pela precisão das suas ideias, merece ser destacado: Giordano Bruno (1548-1600).

OS INFINITOS MUNDOS DE GIORDANO BRUNO

Tendo vivido algumas décadas antes da invenção do telescópio, o teólogo, filósofo e frade italiano Giordano Bruno já defendia abertamente a existência de um Universo infinito, contendo inúmeros mundos habitados por outras humanidades. Atualmente, com o desenvolvimento tecnológico aplicado à pesquisa astronômica, sabe-se da existência de um número considerável de planetas espalhados pelo Universo observável, certo que, até o início deste ano (2022), mais de 5.000 exoplanetas, alguns semelhantes à Terra, foram confirmados pela Astronomia. Giordano Bruno, porém, havia chegado a essas conclusões se valendo apenas da imaginação e da razão. Reza a lenda, inclusive, que Bruno colhia em sonhos muitas de suas ideias fantásticas.

A temática alienígena foi exposta em 1584 por Bruno em Oxford, quando fez publicar “A Ceia da Quarta-Feira de Cinzas” e “Acerca do Infinito do Universo e dos Mundos”, obras que suscitaram muitas conferências, nas quais se discutia a teoria heliocêntrica de Copérnico e a ideia de um Universo infinito, composto por uma miríade de planetas semelhantes à Terra. Os acadêmicos de Oxford professavam a escolástica de Aristóteles, cujo pensamento era radicalmente contra o de Bruno, de maneira que o filósofo passou a sofrer forte retaliação às inovadoras ideias.



FONTE: AMAZON

Giordano Bruno combatia a ideia de que o Universo tivesse algum limite, pois, mesmo se assim fosse, por certo ele estaria sobre alguma coisa, uma vez que, como esclarece a ciência contemporânea, mesmo o “vácuo” não pode ser entendido como “o nada”. Tal pensamento foi sintetizado em um dos diálogos criados por Bruno, manifestado pelo personagem Filóteo:

Há terras infinitas, sóis infinitos e éter infinito ou, segundo dizem Demócrito e Epicuro, que existem o pleno e o vácuo infinitos, um dentro do outro, e que existem diferentes espécies finitas, umas compreendidas nas outras e umas ordenadas em relação às outras. Todas essas diferentes espécies devem ser vistas como concorrentes na formação de um Universo totalmente infinito, e também como infinitas partes do infinito, pois uma terra infinita vem em ato de infinitas terras parecidas a essa, não como uma entidade única contínua, mas como uma unidade formada por muitas daquelas. (BRUNO, 2006, p. 61)

Acreditando-se que a “potência divina”, ou Deus que teria criado o Universo fosse infinitamente poderosa, Bruno defende que, neste caso, ela poderia igualmente ter criado um Universo infinito e de muitos lugares como a Terra. Se a potência divina criou um Universo limitado, só poderia ser por não conseguir fazê-lo infinito, o que seria um paradoxo. Bruno argumentava que não se podia conceber uma potência divina que estivesse ociosa, criando apenas um mundo demarcado onde poderia haver vida inteligente.

Dado que a existência da Terra era entendida como algo “bom”, era inaceitável pensar que a potência divina limitaria a sua bondade.

A concepção de Bruno era de que, se há razão para existir um bem finito, que existe por conveniência, também há razão para existir um bem infinito, que existirá por absoluta necessidade. Tal se aplicaria não só à existência de mundos e planetas, mas também a de seres para habitá-los. Esses planetas e seres representariam os vários graus de perfeição que explicariam a excelência divina. Assim como não haveria um, mas inúmeros sóis, e não um, mas inúmeros mundos, entendia-se que eles fossem habitados, tal como o é a Terra.

O aristotélico personagem engendrado por Bruno, chamado Búrquio, formula a questão: “Então, outros mundos são habitados como este?” (BRUNO, 2006, p. 94). Fracastório responde:

Se não são assim nem melhores, não são menos nem piores, pois é impossível que uma inteligência apenas razoável possa imaginar que inúmeros mundos, que aparentam tão ou mais magníficos que este, sejam privados de habitantes semelhantes ou melhores. (BRUNO, 2006, p. 95)

Bruno imaginava que cada astro e cada mundo era habitado e cultivado por seus próprios viventes. Todos os mundos estariam aptos a abrigar vida porque, como disse mediante Filóteo, não havia nenhum que não possuísse um princípio eficaz e uma maneira de continuar e conservar a perpétua geração da vida de “vários e ótimos indivíduos”. O princípio da vida estaria de tal forma inscrito nas “regras” do Universo que, mais adiante, Filóteo irá dizer que, mesmo que um mundo fosse destruído, a produção de animais, perfeitos ou não, voltaria a se dar pela eficiência da natureza (BRUNO, 2006, p. 142).

Essas ideias revolucionárias encontravam forte resistência por onde Bruno andava, bastando dizer que a tese dos infinitos mundos habitados, embora não tenha sido o principal motivo, agregou-se a outras “heresias” e ensejou denúncia de Bruno ao Tribunal do Santo Ofício, a temida inquisição romana. Mesmo depois de ter sido feito prisioneiro em masmorras e de ter sido submetido a torturas, Bruno não renunciou às suas ideias. Daí decorreu sua condenação à morte na fogueira, com execução consumada aos 17 de fevereiro do ano 1600.

Atualmente a humanidade reconhece admirada o vaticínio de Giordano Bruno. Se é verdade que a humanidade ainda não teve contato público, oficial e formal com “humanidades” de outros planetas, é certo que a existência de outras inteligências parece mais próxima de confirmação, como confirmada já é a tese de que a Terra é apenas um entre inúmeros planetas do Cosmos.

SOBRE A PLURALIDADE DOS MUNDOS

A invenção do telescópio, no alvorecer do Século XVII, permitiu melhor visão dos astros conhecidos, dando novo alento à ideia de que outros mundos fossem habitados. No campo filosófico, Descartes sugeria que, se os planetas são da mesma natureza que a Terra, seria razoável supor que eles fossem também habitados. Locke (1632-1704) igualmente compartilhava da ideia.

Foi então que se iniciou o gênero literário dos “romances científicos”, nos quais se faziam presentes seres de outros mundos, como a Lua e o Sol, além de viagens humanas para vários planetas. Fontenelle (1657-1757) escreveu “Conversações sobre a pluralidade dos mundos”, que, como observou Flammarion (1995, p. 50), embora não pudesse ser considerada uma obra científica ou filosófica, teve o mérito de popularizar ideias astronômicas.

Naquela época, a obra tida como a mais séria a respeito da temática era “Cosmotheôros”, de Huygens (1629-1695), na qual o astrônomo defendia que as pessoas de outros planetas são semelhantes aos humanos, ideia corroborada, em certa medida, pela moderna casuística ufológica.

Vários pensadores, estudiosos e físicos do Século XVIII partilharam da crença nos mundos habitados, dentre eles Newton (1643-1727), Voltaire (1694-1778) e Buffon (1707-1788). Destaca-se o grande filósofo alemão Kant (1724-1804), quem escreveu:

Sou da opinião que nem mesmo há necessidade de sustentar que todos os planetas são habitados, pois negá-lo seria um absurdo aos olhos de todos ou ao menos aos olhos da maioria [...]. Em meio a tantas esferas, não há paragens desertas e desabitadas, senão aquelas impróprias a conter os seres racionais que estão no escopo da natureza. (FLAMMARION, 1995, p. 57)



IMMANUEL KANT - FONTE: WIKIPEDIA

Até mesmo filósofos cristãos daquele período admitiam existir vida em outros mundos, como o francês Despréaux (1743-1818):

É possível crer que o Ser infinitamente sábio teria ornado a abóbada celeste com tantos corpos de tão prodigiosa grandeza só para a satisfação de nossos olhos, só para nos proporcionar um cenário magnífico? [...] Esses milhões de sóis têm, cada um, como o nosso sol, seus planetas particulares, e entrevemos ao nosso redor uma multidão inconcebível de mundos servindo de moradia a diferentes ordens de criaturas. (FLAMMARION, 1995, p. 58)

Seria possível citar muitos outros pensadores, de variadas áreas, e entre as mentes mais brilhantes do seu tempo, que sustentavam a crença nos mundos habitados, chegando-se ao próprio Flammarion, que, depois de elencar desde a Antiguidade o histórico desse ideário, expôs suas próprias ideias no livro “A pluralidade dos mundos habitados”, originalmente publicado em 1862.

O renomado astrônomo dizia, porém, que a certeza da pluralidade dos mundos ainda não existia para a humanidade, pois não havia se estabelecido essa verdade no campo científico da Astronomia. Por aqueles tempos, a ciência astronômica ainda era circunscrita ao Sistema Solar conhecido, do Sol a Netuno.

Embora Flammarion tivesse experiência com a teoria e a prática da Astronomia, dada a limitação da ciência, precisou se limitar às questões metafísicas e conjecturais. Fazendo estudos comparativos entre os planetas conhecidos, com base na fisiologia dos seres terrestres e tratando de outros aspectos pertinentes à vida, Flammarion engendrou uma espécie de “filosofia do Universo”, com a pretensão de proporcionar à humanidade a real dimensão da sua posição em um Cosmos repleto de vida. A confirmação da existência da vida em outros planetas será a consagração da Astronomia e um dos fatores do progresso intelectual da humanidade, defendia ele (FLAMMARION, 1995, p. 23).

Ao largo disso tudo, há quem sustente ser possível tal confirmação sem depender de avanços científicos e tecnológicos da humanidade. Há quem afirme a existência de contatos alienígenas desde priscas eras. A concepção de mundos habitados avançava e se aprimorava.

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?

À medida que se consolidava a ideia de outros planetas habitados por raças inteligentes, outra possibilidade começou a ser aventada: a de que humanos podem contatar ou ser contatados por eles. O avanço científico e tecnológico fazia crer que isso viria a se tornar realidade no futuro. Inobstante, em meados do Século XX uma nova teoria foi engendrada: a de que alienígenas haviam visitado a Terra em tempos imemoriais.

A ideia foi difundida no livro “Eram os deuses astronautas?” (1968), do arqueólogo e teórico suíço Erich von Däniken (1935-), quem sustentava que, entre 40 e 10 mil anos a.C., a Terra foi visitada por seres do espaço, cuja presença foi determinante para a evolução humana e cujos sinais são visíveis até os dias presentes. Os alienígenas seriam os responsáveis por aniquilar parte da humanidade existente à época e produzir o primeiro *Homo sapiens*. Inobstante, não seria possível determinar a identidade dessas inteligências, assim como o planeta de onde provinham.

As ousadas assertivas de Däniken são fundadas em alguns enigmas das antigas civilizações, as quais, por vezes, demonstravam possuir um nível de conhecimento superior ao que se esperaria para a época em que viveram. São mapas exatos da posição dos astros; lentes precisas de cristal lapidado; ornamentos de platina fundidos e modelados; objetos de alumínio, um metal de difícil extração, etc.



ERICH VON DÄNIKEN – FONTE: AMAZON

Däniken ainda lembra as incríveis construções antigas, como Stonehenge e a pirâmide de Quéops, que mesmo na atualidade não tiveram ainda a sua técnica de feitura e os seus propósitos explicados de maneira conclusiva. Ainda há relatos misteriosos, escritos e desenhos de antigos povos que parecem, de fato, indicar ter havido um contato alienígena no distante passado.

Os esquimós aludem a pássaros metálicos; os índios citam um pássaro do trovão; o Mahabharata descreve carros voadores (vimanas); os livros tibetanos também citam máquinas voadoras; os egípcios retratam barcos no firmamento; e as tradições nórdicas seguem a mesma linha. Däniken considera compreensível que esses povos buscassem deuses no céu e que exagerassem nos relatos, porém ressalta que mesmo a imaginação precisa de pontos de partida: “Não é possível que todos tenham tido as mesmas ideias ao redor do mundo, como fruto de pura imaginação” (DÄNIKEN, 1968, p. 78). Muitos pictogramas de vultos em roupas desajeitadas e com antenas sobre a cabeça apareceram em lugares diversos, independentes entre si.

Segundo essa concepção, os humanos primitivos, ao se verem diante de seres com uma tecnologia tão avançada, fatalmente os tomavam como deuses. Os “astronautas” teriam ensinado aos nativos certas noções de civilização e tiveram filhos com eles, para que pudessem saltar etapas na evolução. Esses aliens deixaram sinais visíveis da sua passagem, que só poderiam ser interpretados por uma sociedade altamente desenvolvida no futuro. Os nativos teriam então distorcido o significado da viagem e criado uma saga de cunho religioso, contada em vários escritos. Em comum, haveria sempre a promessa de que os “deuses” iriam voltar.

Ao avaliar textos sagrados, Däniken encontra referências na própria Bíblia, em especial no profeta Ezequiel, referindo-se a um veículo descido do céu, coisa que não se imagina fosse necessária a um Deus. Também há sugestões de miscigenação de humanos com seres do espaço, o que se vê também na epopeia de Gilgamesh, da tradição suméria. Os sumérios, inclusive, são um dos povos mais intrigantes, como será adiante abordado. Em seus desenhos de estrelas, eles as faziam rodeadas de planetas de diversos tamanhos, o que hoje se sabe verdadeiro.

Avançada também era a Astronomia dos maias, que conheciam Urano e Netuno e tinham cálculos sobre a trajetória de Vênus, cálculos esses com precisão de quatro casas depois da vírgula. Vale lembrar também dos egípcios, com avançados conhecimentos de matemática, sua escrita desenvolvida e seus belíssimos artefatos de bronze e cobre. Däniken cita ainda mistérios da Ilha de Páscoa, das ruínas de Tiahuanaco, dos geoglifos de Nazca e do terraço de Baalbek, sempre sugerindo que as explicações oficiais para tais enigmas em geral não são convincentes.

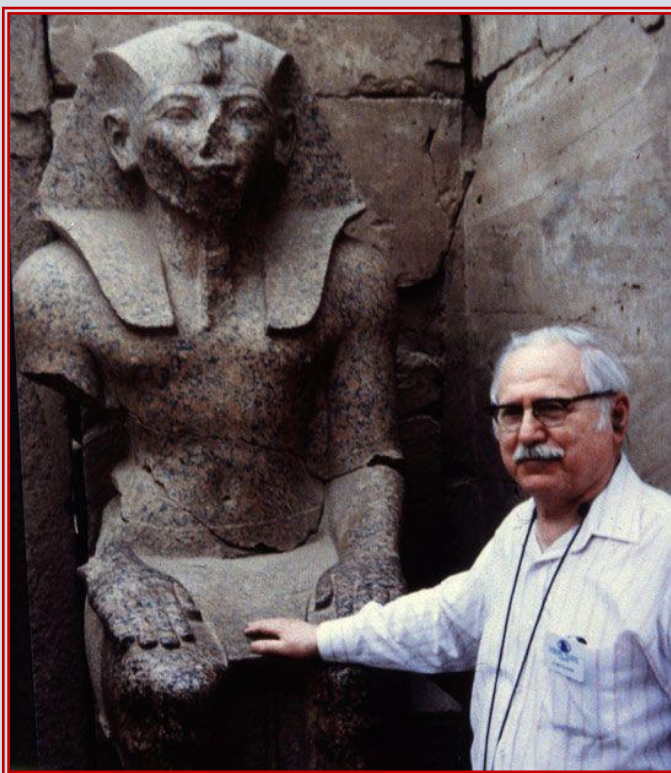
Inobstante admita que muitas das conclusões ainda sejam completamente especulativas, o autor pondera que, se a humanidade atual não aceitar a existência de culturas mais antigas e elevadas, e que na pré-história havia um nível técnico semelhante ao moderno, então resta apenas a hipótese de visitantes do espaço cósmico (DÄNIKEN, 1968, p. 43).

A teoria exposta representa importante marco à ideia de que os mundos são habitados, pois dá a entender que eles podem se relacionar entre si e que já o fizeram no passado. É possível que a ruptura que certamente advirá do contato formal com civilizações mais avançadas seja atenuada se for considerado que isso já aconteceu outras vezes na História.

ANUNNAKI – AQUELES QUE DOS CÉUS VIERAM

Se Däniken se mostra reticente sobre a possível origem que teriam os alienígenas que visitaram a Terra em seu passado remoto, aos poucos foram surgindo teorias a esse respeito. A mais famosa é a que Zecharia Sitchin (1920-2010) apresenta no livro “O 12º Planeta” (2015), publicado originalmente em 1976. Partindo de um profundo estudo de documentos sumérios, Sitchin julgou ter descoberto quem eram, quando vieram, como vieram e até mesmo o que esses alienígenas fizeram enquanto estiveram aqui na Terra.

A credibilidade que Sitchin atribui aos textos sumérios é consequência dos impressionantes feitos alcançados por essa civilização, pioneira em muitas áreas e que seria, inclusive, a que mais influencia a sociedade atual. Trata-se de um povo que vivia ao sul da Mesopotâmia, onde surgiu por volta do quarto milênio a.C.



ZECHARIA SITCHIN – FONTE: PINTEREST

Ali se desenvolveram de tal forma, e com tal rapidez, se comparados ao ser humano até então, que a hipótese de intervenção alienígena passou a ser cogitada.

Os sumérios teriam inventado a escrita e a própria imprensa, desenvolveram a metalurgia, criaram um complexo sistema matemático, tinham ótimos conhecimentos de química, padrões muito elevados de medicina, desenvolveram indústrias têxteis e de vestuários, criaram canais de irrigação para a agricultura, uma rede de canais artificiais para transporte marítimo, um sistema legal etc. A lista é imensa e inclui conhecimentos de astronomia muito superiores ao que se poderia esperar pelo período em que viveram.

Muitos conhecimentos dos sumérios se mostraram não apenas úteis para o seu tempo, mas também verdadeiros para os dias de hoje, razão pela qual Sitchin passou a se debruçar com mais seriedade sobre os conceitos astronômicos dessa civilização. E é a partir da mitologia {?} derivada da Astronomia suméria que se passou a considerar que a Terra foi visitada por seres do espaço. Quem seriam eles?

Conforme os sumérios, havia uma “morada celestial” onde viviam os deuses. Sitchin sugere que essa morada seria o planeta de origem dos alienígenas que vieram à Terra. Como também se menciona que os deuses voltam à Terra com certa regularidade, ele acredita que tal planeta (morada) não estivesse tão longe (SITCHIN, 2015, p. 171). Na verdade, ele estaria localizado no próprio Sistema Solar, representado pelos sumérios com 12 planetas. Também eles, misteriosamente, conheciam os planetas além de Saturno. Como o Sol e a Lua também contavam como planetas, ainda sobraria um planeta a ser identificado. E seria justamente o planeta de onde provém a raça alienígena que veio à Terra em épocas remotas. Em órbita muito alongada, seria difícil conseguir visualizar tal planeta.

Trata-se de Nibiru ou Marduk, planeta que na mitologia da Mesopotâmia seria responsável pela própria criação da Terra, ao ter se chocado com um planeta entre Marte e Júpiter.

Sitchin usa os relatos épicos mesopotâmicos da criação do Sistema Solar para embasar a sua tese. O planeta levaria 3.600 anos (um *shar*) para completar a sua órbita e a aproximação com a Terra coincidiria com “novas eras” para a humanidade. Em Nibiru viveriam os “Nefilins”, cujo nome significa “aqueles que foram lançados para baixo”. Seriam alienígenas que os sumérios tomavam como deuses, conhecidos ainda como Anunnaki, “aqueles que dos céus vieram”.

O povo sumério sempre acreditou que os deuses provinham dos céus. Havia deuses do Céu e da Terra, sendo que os primeiros, os deuses “antigos”, haviam descido à Terra e seriam os responsáveis pela criação da humanidade. Ao retratar os deuses, os sumérios costumavam dotá-los de acessórios na vestimenta que permitiam a eles ascender aos céus. A divindade Inanna, por exemplo, é retratada com traje típico de astronauta (SITCHIN, 2015, p. 133). Também foi encontrado um selo que sugere um veículo espacial impulsionado por chamas.

Conforme as interpretações de Sitchin (2015, p. 271), os Nefilins vieram à Terra pela primeira vez há cerca de 450 mil anos e o objetivo não era apenas visitá-la, mas fazer dela uma morada. O estabelecimento de suas colônias na Terra não teria se dado de forma aleatória. Além da Mesopotâmia, eles teriam estado na África e lá se dedicaram à mineração, sendo os responsáveis pelas mostras de carvão com mais 40 mil anos que foram descobertas na região. Mas quem fazia esse trabalho eram membros da própria tripulação, os quais, em dado momento, rebelaram-se em razão do labor físico, o que levou à criação de um trabalhador primitivo, fruto da manipulação genética em homínídeos, processo do qual teria derivado, em última análise, o *Homo sapiens*.

Destarte, o conhecimento sobre os mundos habitados chegou a tal ponto que não apenas eles passaram a ser admitidos como, inclusive, passou-se a postular que a própria existência humana surgiu a partir da vida alienígena. Diferentemente de outras espécies de homínídeos, frutos de lenta evolução, o *Homo sapiens* teria a sua origem nos “deuses”, o que explicaria os prodigiosos avanços que teve em tempo tão reduzido. Por manipulação genética, os alienígenas teriam chegado a uma produção em massa de trabalhadores.

Os Nefilins acompanhariam periodicamente o progresso da humanidade e se reuniriam em assembleia sempre que o seu planeta se aproxima da Terra. Quando a civilização humana declinava, uma “mão misteriosa”, como sugere Sitchin (2015, p. 24), trataria de erguê-la a um nível de cultura e conhecimento mais elevado.

Graças a essa intervenção, a marcha da humanidade para a civilização teria passado pelo período Mesolítico, pela fase da cerâmica e então pela repentina civilização dos sumérios. Todas as civilizações que se seguiram à dos sumérios teriam se beneficiado desse auxílio “vindo do espaço”.

Naturalmente, a tese não é isenta de controvérsias e ainda carece de comprovação. O que parece certo é que, com o passar dos anos, o ser humano se tornou tão habituado à ideia de que não está sozinho no Cosmos que começou a cogitar também a possibilidade de interação com os seres desses mundos. Se a comprovação de que o contato com as civilizações mais avançadas no passado ainda se mostra difícil, apesar de todas as conjecturas imagináveis, o futuro se apresenta aberto a essa possibilidade.

NOTA CONCLUSIVA

Ao tempo em que a tecnologia humana avança, e com ela as viagens espaciais, que podem conduzir à prova da vida inteligente em outros mundos, tornam-se mais ostensivas as manifestações que partiriam de seres oriundos de outras civilizações. Com efeito, está em pauta em nível global a presença na Terra de misteriosos artefatos, guiados por causas inteligentes, ou seja, a Ufologia está na ordem do dia, como exemplificam as recentes (2022) sessões legislativas oficiais nos EUA e no Brasil, alusivas à temática ufológica.

Afinal, a antiga crença dos muitos mundos habitados será corroborada quando houver a confirmação oficial da presença extraterrestre, no momento do contato público, ostensivo e formal humano-alienígena. Quando os humanos ficarem admirados por circunstâncias específicas desse prodigioso evento, não se poderá alegar que isso já não era esperado. Será a confirmação do que a humanidade sempre acreditou ao longo da história. Será o resultado das aspirações acalentadas desde a antiguidade, potencializadas pelo advento da Era Espacial.

Como reflexão final, é lícito especular também que não tardará para que os próprios humanos sejam considerados alienígenas quando, viabilizadas as viagens a outros sistemas estelares, visitarem algum planeta habitado por outra “humanidade”. Tal como já teria ocorrido em 1958, quando o gaúcho Artur Berlet (1931-1994) foi abduzido e levado ao planeta Acart, onde permaneceu por 9 dias e conheceu vários aspectos daquela “humanidade acartiana” (BERLET, 2021). Eis um clássico da casuística ufológica terrena.

Enfim: a temática exposta suscita ampla e profunda reflexão. Mesmo diante do vasto conhecimento astronômico moderno, o ser humano, olhando para o céu estrelado, ainda se vê diante do incomensurável mistério, paulatinamente desvendado pelas luzes da ciência.

REFERÊNCIAS

BERLET, Artur. **Os discos voadores**: da utopia à realidade. Narrativa de uma real viagem a outro planeta, 4 ed. Passo Fundo: Berthier, 2021.

BRUNO, Giordano. **Acerca do infinito do universo e dos mundos**. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2006.

DÄNIKEN, Erich Von. **Eram os deuses astronautas?** São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

FLAMMARION, Camille. **A pluralidade dos mundos habitados**. São Paulo: Ícone, 1995.

SITCHIN, Zecharia. **O 12º Planeta**: livro I das Crônicas da Terra. São Paulo: Madras, 2015.

**INTERVENÇÃO EXTRATERRESTRE
EM TEMPOS DE GUERRA**

**ROSE CASTRO, TEREZA BARALDI,
JÚLIO ACOSTA NAVARRO**

RESUMO

O artigo inicia destacando a peculiaridade do momento histórico vivido pela humanidade, com a pandemia de Covid-19 e o conflito Rússia x Ucrânia, em contraste com notáveis avanços científicos e tecnológicos. O texto destaca as iniciativas governamentais para o conhecimento do fenômeno ufológico, como da NASA e dos parlamentos dos EUA e do Brasil. Em seguida os autores abordam a incidência de casuística ufológica durante os períodos da Guerra Fria, da Guerra do Vietnã e do atual conflito Rússia x Ucrânia. Em relação à Ucrânia, destaca-se o estudo desenvolvido por astrônomos europeus, materializado em relatório no qual são descritas características do misterioso fenômeno ufológico corrente em 2022. Ao final, o artigo promove uma reflexão sobre os perigos de uma guerra nuclear internacional e faz referência ao Manifesto da Academia Latino-Americana de Ufologia Científica (LAASU) sobre a Guerra da Ucrânia.

PALAVRAS-CHAVE

Ufologia. Intervenção extraterrestre. Guerras. Perigo nuclear.

SOBRE OS AUTORES

ROSE CASTRO



Jornalista. Especialista em Teorias da Comunicação. Mestre em Comunicação Científica e Tecnológica. Professora Universitária aposentada.

TEREZA CRISTINA ALBIERI BARALDI



Advogada. Mestre em Direito. Mestre e Doutora em Educação.
Professora da Academia de Polícia Civil de São Paulo e Delegada de
Polícia aposentada.

JÚLIO CÉSAR ACOSTA NAVARRO



Médico Cardiologista. Doutor em Integração da América Latina (USP). Doutor em Cardiologia (USP). Especialização em Cardiologia Clínica, em Terapia Intensiva Cardíaca Infantil e em Cardiopatias Congênitas (PERU). Fundador da Academia Latino-Americana de Ufologia Científica (LAASU).

MOMENTO HISTÓRICO

O nosso planeta passa por um momento historicamente importante. Enfrentamos uma pandemia (Covid-19), vemos movimentos de extrema-direita ganharem força, ao tempo em que se agravam conflitos como entre a Rússia e a Ucrânia. Paralelamente, convivemos com avanços tecnológicos fantásticos como a inteligência artificial e a realidade virtual aumentada. É também nesse complexo contexto que a agência espacial NASA finalmente começa, ao menos publicamente, a levar mais a sério o fenômeno ufológico.

Em abril de 2020, vídeos secretos dos chamados “fenômenos aéreos não identificados”, feitos por pilotos da Marinha dos EUA, foram finalmente liberados pelo Pentágono, sede do Ministério da Defesa dos EUA, para divulgação ao público. As autoridades americanas apresentaram uma lista com mais de 1.500 páginas de documentos secretos. Em novembro do mesmo ano, uma câmera instalada na Estação Espacial Internacional (ISS) conseguiu registrar imagens de cerca de 150 objetos voadores não identificados (OVNIs) na órbita terrestre.

Para discutir o assunto, a Câmara dos Representantes dos EUA decidiu debater os registros de OVNIs no respectivo espaço aéreo. Numa audiência pública no Congresso norte-americano, ocorrida em maio de 2022, o vice-diretor de inteligência naval dos EUA, Scott Bray, admitiu que um número crescente de OVNIs foi identificado no céu nos últimos 20 anos.

Contudo, a maior preocupação das autoridades dos EUA não está relacionada à existência de vida inteligente extraterrestre {1} – que para eles ainda não está provada –, mas sim que outros países, como a Rússia e a China, possam estar usando alguma tecnologia avançada no espaço aéreo norte-americano.

A discussão sobre OVNIIs também chegou ao Senado brasileiro em junho deste ano (2022), o qual abriu espaço para a exposição de temas ligados à Ufologia por um grupo de experientes ufólogos. Numa sessão especial, em comemoração aos 75 anos do Dia Mundial da Ufologia, foram apresentados casos conhecidos como “A Noite Oficial dos OVNIIs” e a “Operação Prato”, que continuam sendo os dois mais intrigantes episódios de avistamento de OVNIIs já registrados no país, com indicativos de vida inteligente não humana. Relatos de fatos ocorridos, por exemplo, na cidade de Colares, no Pará, dão conta de que feixes de luz atingiam as pessoas, impedindo que movimentassem parte do corpo, além de sentirem dor e fraqueza após os ataques, ensejando a Operação Prato, de natureza militar, conduzida pela Força Aérea Brasileira – FAB.

GUERRA FRIA (1940-1990)

O conflito entre Ucrânia e Rússia, que começou em fevereiro de 2022, reacendeu a atenção sobre o surgimento de fenômenos anômalos em locais de conflito. Mas o fato é que ao longo da história existem muitos registros de OVNIIs durante e nos locais de guerra. Há relatos consistentes nesse sentido. Apresentamos a seguir alguns fatos que ocorreram a partir da metade do Século XX.

Na década de 1980, na polaridade EUA e URSS, durante a guerra fria, Ronald Reagan (então Presidente dos EUA) e Mikhail Gorbachev (líder da URSS) se reuniram na Suíça, durante a Conferência de Genebra, para discutir a redução do arsenal nuclear que cada país possuía na época. Era o primeiro encontro desses líderes e antes de fecharem o acordo tiveram uma conversa em particular em que Ronald Reagan perguntou para Gorbachev o que ele faria se os EUA fossem atacados por alguém do espaço sideral e ele (URSS) respondeu que ajudaria os EUA.

Reagan disse que os EUA também os ajudariam se eles se encontrassem na mesma situação.

A partir dessa conversa singular, os líderes das duas maiores potências do mundo (na época) assinaram o acordo para redução do arsenal nuclear e, em 1986, assinaram outro acordo para o desarmamento nuclear. Em 1991 houve a queda do Muro de Berlim, também como consequência desse esforço comum.

Diante dessas atitudes, é razoável supor que uma pessoa na situação de Ronald Reagan não teria uma preocupação dessa natureza acaso não estivesse convencido da presença de inteligências extraterrestres na Terra e da possibilidade de ataques à humanidade.

Edgar Mitchell, astronauta da Apollo 14, várias vezes afirmou categoricamente que acredita que ETs pacifistas visitaram a Terra, algumas vezes para impedir uma guerra nuclear entre EUA e URSS.



EDGAR MITCHELL – FONTE: THE TELEGRAPH

De acordo com ele, isso explicaria os avistamentos de OVNI's perto de bases militares na época. “Militares tinham visto naves estranhas voando sobre bases de mísseis e as famosas instalações de White Sands, onde a primeira bomba nuclear do mundo foi detonada em 1945”, afirmou Mitchell em entrevista ao jornalista Jasper Hamil (HAMIL, 2015).

O astronauta ainda afirmou que, durante os tempos mais tensos do Século XX falou com muitos oficiais da Força Aérea dos EUA (USAF) que trabalharam nos campos de testes de bombas atômicas durante a Guerra Fria.

"Eles me disseram que os OVNI's eram frequentemente vistos no céu e muitas vezes desativavam seus mísseis. (...) Outros oficiais de bases na costa do Pacífico me disseram que seus mísseis (de teste) eram frequentemente derrubados por espaçonaves alienígenas. Havia muita atividade naqueles dias", contou Mitchell.

GUERRA DO VIETNÃ (1950-1970)

Entre os vários relatos existentes, vamos destacar três sobre o aparecimento de OVNI's na Guerra do Vietnã. O capitão George Fuller III, do serviço secreto dos EUA, afirmou em uma entrevista durante a Guerra do Vietnã, que "uma de nossas aeronaves voava a aproximadamente 500 nós (926 Km/h) e de repente um OVNI apareceu e circulou a nave várias vezes antes de sair a três vezes a velocidade de nossos jatos da Força Aérea. É uma tecnologia muito superior à nossa." (OVNI HOJE, 2017).

O general George S. Brown relatou que, durante uma noite, o pelotão que ele comandava avistou luzes no céu: "Achamos imediatamente que eram das forças inimigas e fomos ao combate, mas não encontramos nada, apenas luzes em todas as vezes. Não os tratávamos como extraterrestres, mas como opositores em meio à batalha" (CONEXÃO UFO, 2022), explicou Brown.

Pete Mazzola, veterano de guerra, contou muitas vezes que ele e seus soldados viam estranhas luzes, como se fossem estrelas cadentes, quando patrulhavam na selva do Vietnã. Mas as "estrelas" eram diferentes porque elas mudavam de direção e de velocidade livremente. Contudo, a experiência mais significativa de Mazzola aconteceu em 1966, quando ele e seu pelotão viram uma nave pairando sobre os arrozais do local onde estavam.

Pete Mazzola, supondo ser uma nave inimiga, comunicou o fato aos navios americanos que estavam naquelas imediações. Então, foram enviados aviões caça que atiraram contra a nave, porém, os projéteis explodiam antes de atingir a nave alienígena que, depois de alguns minutos, acelerou e subiu com uma velocidade incrível. (CONEXÃO UFO, 2022).

É importante observar que tanto George Filler III, quanto Pete Mazzola, depois de se aposentarem das Forças Armadas dos EUA, tornaram-se ufólogos de respeito, contribuindo para a causa ufológica.

GUERRA RÚSSIA X UCRÂNIA (2022)

No mês de março deste ano, o jornalista Kostyantine Lytvynenko, um dos diretores da rede de televisão CBN na Ucrânia, chamou a atenção de todos quando apresentou no jornal *The Global Lane* (CBN, 2022), o relato do pai de um soldado ucraniano que lutava contra a invasão russa.



ATAQUES RUSSOS – FONTE: G1

Segundo Konstyantine, o pai do soldado recebeu uma ligação do filho durante uma madrugada, pedindo orações porque logo mais iria entrar em combate com grande quantidade de tanques russos e que eles, os militares ucranianos, não poderiam ceder espaço para os invasores russos. Após algumas horas, o soldado telefonou novamente e disse para o pai que os tanques russos haviam sido atacados e dizimados por um objeto voador desconhecido. O soldado descreveu ao pai que raios e feixes de luz que vinham do céu em direção aos tanques, encheram o local de fogo e faíscas, destruindo todos os blindados russos e que ninguém tinha encontrado explicações sobre os acontecimentos.

O jornalista, Kostyantine Lytvynenko, afirmou a CBN News que o pai do soldado teria dito: “Algum milagre aconteceu. Parecia um ataque (aos russos) de uma nave espacial. Houve algum tipo de raio saindo do céu. E faíscas estavam se espalhando por toda parte”.

Ainda sobre o aparecimento de OVNI's na Ucrânia, após a invasão pela Rússia, o noticiário inglês *Daily Star* (2022), no dia 10 de março, publicou parte de entrevista de Scott C. Waring, que se apresenta como especialista em OVNI's.



OVNI NA UCRÂNIA – FONTE: R7

Waring disse ter avistado um clarão no céu ucraniano em meio à guerra: “Tem todos os sinais” para ser considerado uma visita extraterrestre, afirmou.

Scott C. Waring ainda disse acreditar que a aparição de OVNI's durante a guerra Rússia x Ucrânia pode ter como objetivo evitar um desastre maior e que esses objetos voadores seriam parte integrante de um projeto intergaláctico de proteção ao nosso planeta.

ASTRÔNOMOS E AVISTAMENTOS DE OVNI's

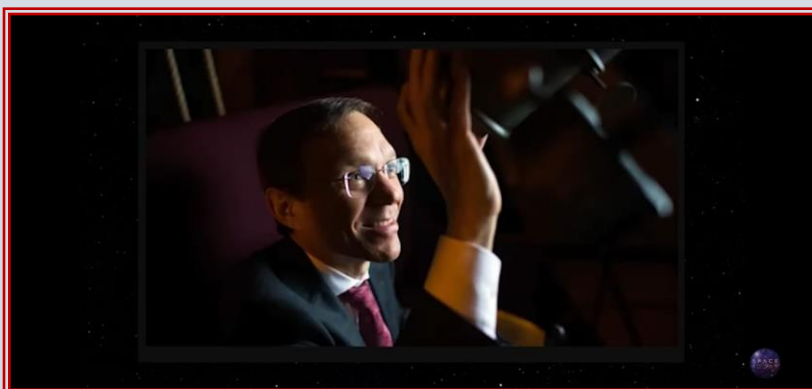
Circulam na internet vários vídeos que apresentam supostos OVNI's que estariam monitorando o conflito Rússia x Ucrânia. Algumas imagens chegam a mostrar, inclusive, OVNI's próximos de instalações nucleares.

Os astrônomos ucranianos também estão atentos ao aparecimento de OVNI's no país. De acordo com um relatório publicado pelo Observatório Astronômico Principal de Kiev, em coordenação com a Academia Nacional de Ciências da Ucrânia, “astrônomos e cientistas ucranianos afirmam ter descoberto que os céus de Kiev abrigam mais do que apenas aeronaves russas: um número excessivo de OVNI's.”

Comparando pesquisas feitas em dois observatórios, um instalado em Kiev e outro na cidade de Vinarivka, os especialistas estimaram que os OVNI's detectados têm entre 3 e 12 metros de largura e podem viajar a velocidades de até 53.000 km/h. Dezenas de objetos “não podem ser cientificamente identificados como fenômenos naturais conhecidos”, dizem os astrônomos no relatório. Eles também afirmaram que os OVNI's são muito rápidos e é muito difícil tirar fotos deles (DEUTSCHE WELLE, 2022).

O relatório elaborado pelos ucranianos foi levado ao conhecimento de um professor de Harvard, o respeitado físico Abraham Loeb, o mesmo que pesquisou o objeto interestelar “Oumuamua”. Inicialmente, Loeb trabalhava com a hipótese de o Oumuamua ser um artefato de uma civilização inteligente, mas depois pesquisadores chegaram à conclusão de que o objeto seria um fragmento de um planeta.

De posse dos estudos feitos pelos pesquisadores ucranianos, o Loeb refutou os argumentos apresentados pelos ucranianos e afirmou que os objetos detectados pelos astrônomos daquele país não eram objetos voadores desconhecidos vindos do espaço extraterrestre. Abraham Loeb concluiu, por exemplo, que “um objeto que se encaixa na descrição feita pelos pesquisadores ucranianos causaria uma perturbação incrível na atmosfera – “uma enorme bola de fogo”. Assim, segundo Loeb, os pesquisadores cometeram um erro.



ABRAHAM LOEB – FONTE: MOTHERBOARD

PERIGO NUCLEAR

Muitos ufólogos perguntam: será mesmo que nenhum dos fenômenos anômalos detectados no céu da Ucrânia seriam OVNI, contrariando o que os fatos têm demonstrado no decorrer da história em momentos de conflito? Autoridades russas oficialmente negam estar em guerra, classificando o conflito como ‘operação militar especial’, como eram chamadas, no passado, as guerras coloniais. Mas o que efetivamente acontece naquela região é uma ameaça constante de guerra.

E é nesse cenário de tensão e indefinição entre Rússia e Ucrânia que surgem os temores de desastres nucleares.

O que torna a situação ainda mais preocupante é que autoridades russas fizeram repetidamente declarações ameaçadoras nessa direção. Embora a Rússia já tenha recuado várias vezes, não pode ser descartada a possibilidade de um lançamento nuclear de “aviso” ou de “advertência”. Mais grave ainda é saber que o eventual uso de armas nucleares pode encorajar outras potências nucleares a utilizarem armamentos semelhantes na resolução de seus conflitos territoriais.

Se o nível de tensão do conflito entre esses dois países pode aumentar, seres alienígenas poderiam intervir para que não ocorra uma guerra nuclear, a fim de não colocar em risco a humanidade? E, nesse caso, como eles agiriam?



GRÁFICO DE BOMBAS NUCLEARES
FONTE: PODER 360

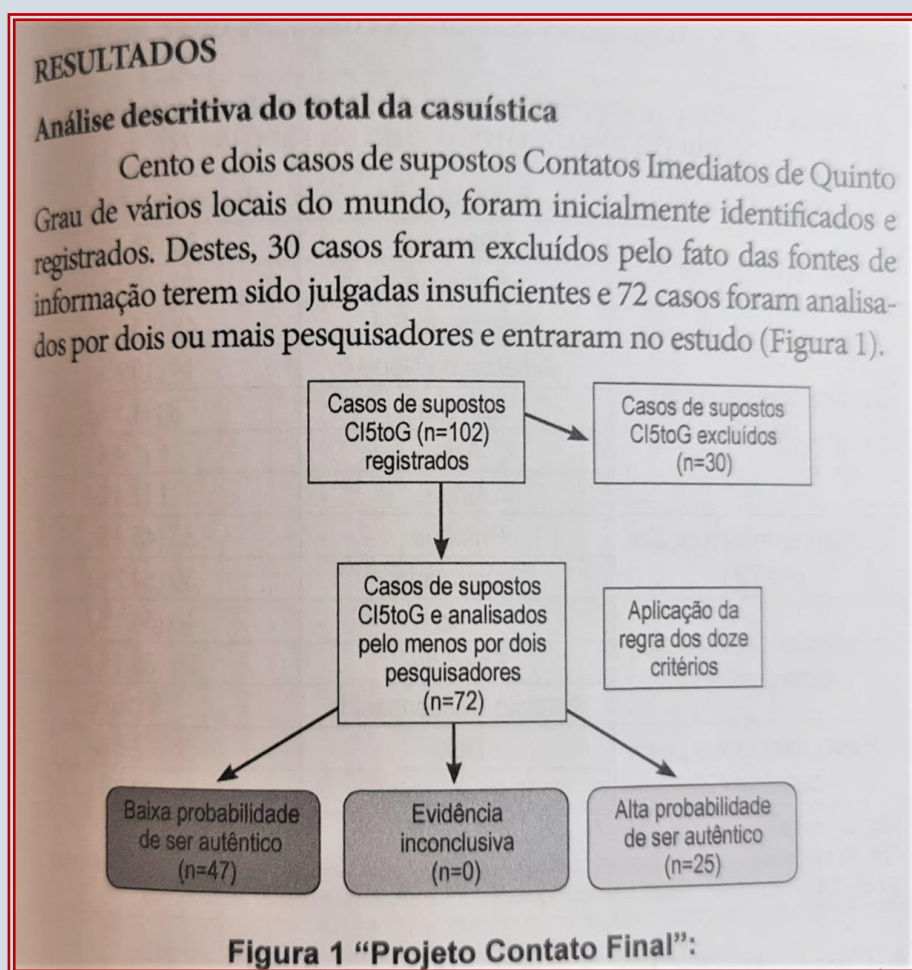
INTERVENÇÃO DE EXTRATERRESTRES NO DESARMAMENTO NUCLEAR

Devido a importância do tema, membros da Academia Latino-Americana de Ufologia Científica (LAASU), entidade sem fins lucrativos dedicada ao estudo do fenômeno ufológico e que congrega ufólogos do Brasil e do exterior, passaram a discutir o assunto e assumir posições frente ao conflito no leste europeu.

Atenta ao que vem ocorrendo, a Academia lançou o “Manifesto LAASU sobre a Guerra da Ucrânia”. Nele os ufólogos destacam itens como a urgência de suspender as ações bélicas na Ucrânia; a necessidade de um conhecimento real das causas do conflito; o perigo que representa uma guerra mundial; lembram que a casuística ufológica sugere que inteligências extraterrestres que visitam a Terra são de diferentes procedências e níveis de avanço tecnológico/científico e têm forte preocupação com a eventual eclosão de um conflito nuclear.

Contudo, baseados em uma pesquisa anteriormente feita pela LAASU, os ufólogos ligados à Academia não acreditam numa intervenção extraterrestre com a finalidade de impedir uma guerra. A pesquisa foi idealizada e coordenada pelo médico cardiologista e ufólogo (coautor deste artigo), Dr. Júlio Acosta Navarro, fundador da LAASU, e envolveu vários pesquisadores, os quais analisaram 72 casos de pessoas supostamente contatadas por extraterrestres. O estudo foi realizado com a utilização de uma metodologia desenvolvida pelo próprio Dr. Navarro, chegando à conclusão de que 25 dos casos investigados tinham alta probabilidade de serem autênticos {2}.

A partir dos dados apurados foi possível chegar à conclusão, segundo o coordenador na pesquisa, de que as informações recebidas dos contatados considerados autênticos (‘contatos imediatos de quinto grau’) sugerem que extraterrestres já estão presentes entre os humanos e talvez até influenciando indiretamente em nossas ações, como na busca da paz no conflito Rússia x Ucrânia. Os resultados também sugerem que, apesar de inteligências extraterrestres terem capacidade tecnológica suficiente para bloquear ou neutralizar nossas armas nucleares, “hipotetizamos que inteligências extraterrestres não vão intervir diretamente no destino final de uma eventual guerra nuclear”, registra o Manifesto LAASU.



CONTATADOS DE 5º GRAU ESTUDADOS PELA LAASU. FONTE: LAASU

NOTAS

{1} O termo extraterrestre é aqui utilizado como sinônimo de alienígena, outros seres não terráqueos que podem habitar o interior da Terra ou outros planetas ou estrelas; a utilização desses termos como sinônimos pode até parecer inconveniente, contudo, esta opção foi por não termos encontrado outros mais adequados neste momento.

{2} A pesquisa foi publicada no livro, “OVNIs: Atravessando as Fronteiras da Ciência” e na revista científica internacional *World Journal of Research and Review*.

REFERÊNCIAS

CBN NEWS. **Global Lane**. Disponível em <https://www1.cbn.com/cbnnews/global-lane>.

CONEXÃO UFO. **Os OVNIs avistados na Guerra do Vietnam**. Disponível em: <https://conexaoufo.com/os-ovnis-avistados-na-guerra-do-vietnam/>.

DAILY STAR. Disponível em <https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/>.

DEUTSCHE WELLE. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/not%C3%ADcias/s-7111>.

HAMIL, JASPER. *Peace-loving aliens tried to save America from nuclear war, claims moon mission astronaut Edgar Mitchell*. Disponível em: <https://www.mirror.co.uk/news/technology-science/science/peace-loving-aliens-tried-save-6235113>.

OVNI HOJE. **Teriam os ETS interferido na Guerra do Vietnã?**. Disponível em: <https://www.ovnihoje.com/2017/05/16/teriam-os-ets-interferido-na-guerra-do-vietna/>.

UFOLOGIA E A PIRÂMIDE DE QUÉOPS

RUDINEI CAMPRA

RESUMO

A grande pirâmide de Quéops tem sido até hoje utilizada por pessoas que acreditam que somos a primeira e única humanidade tecnológica deste planeta e outros que acreditam no contrário. A postura agressiva e debochada daqueles que acreditam que a pirâmide de Quéops “tem” que ser obra humana não teve os ufólogos como alvo exclusivo, pois desde o século XIX qualquer pessoa que dissesse que a grande pirâmide se destinava a outra coisa que não a um túmulo seria atacada e desacreditada. Curiosamente, tanto os escritores que defendiam outras possibilidades de utilização como os adeptos da teoria do túmulo (vencedora e vigente até hoje) não tinham noção dos túneis e outras descobertas que somente em nossa idade contemporânea veriam a luz. A postura de ataque atual dos “acadêmicos” contra a possibilidade alienígena é desproporcional e pouco eficaz e os ufólogos nem mesmo precisariam tanto de Quéops, já que existem centenas de enigmas arqueológicos de peso em todos os continentes.

PALAVRAS-CHAVE

Pirâmide de Quéops. Ufologia. Arqueologia. História.

SOBRE O AUTOR



RUDINEI CAMPRA é professor e tradutor de francês. Já colaborou com a Revista UFO e com o pesquisador Sérgio Russo. É cofundador do PATOVNI, primeiro Coordenador e atual Diretor Cultural do grupo. Pioneiro na arte ufológica, com dezenas de quadros sobre o tema.

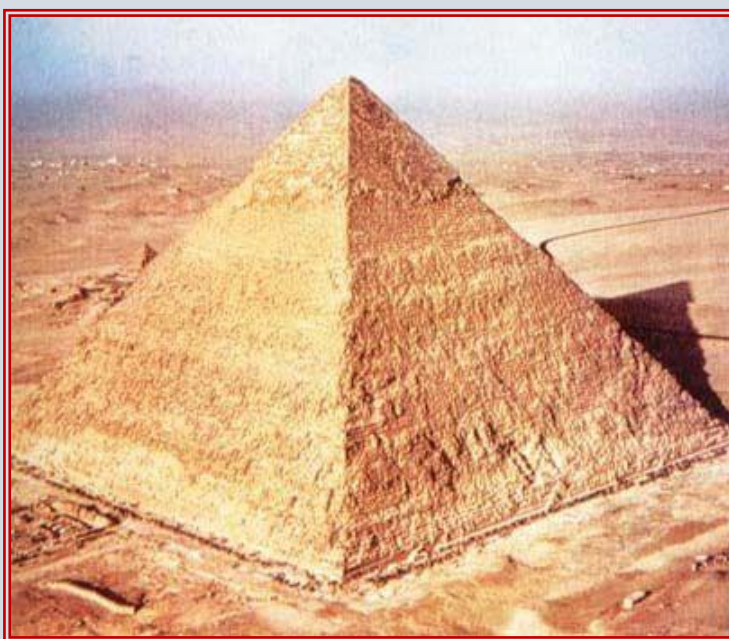
Contato: leio@hotmail.com

“Français, du haut de ces monuments, quarante siècles vous contemplent”.

Napoléon

UM MISTÉRIO QUE INQUIETOU A EUROPA E A AMÉRICA

As orgulhosas potências europeias nunca aceitaram muito bem o fato de o maior monumento do mundo (aquilo que se convencionou chamar de pirâmide de Quéops) estar na África. Os franceses somente conseguiram passar a altura de 147 metros da pirâmide em 1889, com sua Torre Eiffel, medindo mais de 300 metros de altura. O que sempre intrigou a Europa e depois os EUA foi a forma com que foi construída a grande pirâmide, e desde o Século XIX inúmeras teorias foram levantadas para sua possível origem.



PIRÂMIDE DE QUÉOPS – FONTE: PINTEREST

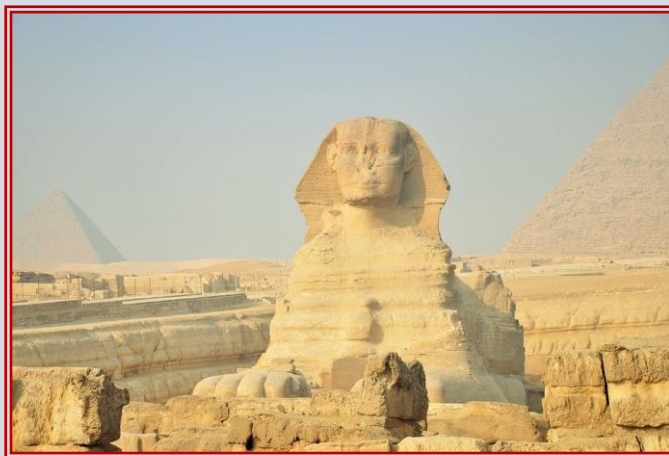
Já no começo do século XIX Quéops era o mistério mais divulgado pela ciência e escritores exploravam muitas possibilidades a respeito disso. Em uma época que ignorava a temática extraterrestre, o que restava era apelar para um Egito Antigo superior aos europeus em conhecimento astronômico e de construção.

Dentre as diversas teorias sobre a pirâmide, podemos citar: túmulo (embora os próprios egiptólogos discordassem no século XIX); uma estrutura para o culto a Osíris; um imenso observatório para estudos do céu; um tipo de “livro de pedra” que decodificou conhecimentos para a posteridade (Platão e Diderot concordavam com essa hipótese); depósito de grãos, construído para manter o povo ocupado e para estabelecer uma relação com o aparecimento periódico de Sirius no céu (DUFEU, 1873).

Embora ainda hoje Heródoto seja vagamente referido como o “pai da história”, isso era mais respeitado no começo do século XIX, pois, como a egiptologia estava se desenvolvendo, não era razoável desacreditar um escritor antigo, já que ainda não havia “dogmas científicos” estabelecidos. Por volta de 1800, Jacques-François-Louis Grobert (chefe de brigada de artilharia do exército francês na ocupação do Egito) relatou ter encontrado perto de Quéops conchas de pérolas na areia e que ao subir a grande pirâmide encontrou nas pedras lagostas petrificadas (GROBERT, 1800). O militar cita Heródoto e Diodoro da Sicília, que afirmavam ter existido perto das pirâmides um enorme canal que hoje estaria encoberto pela areia.

A sempre enigmática esfinge estava nessa época quase toda coberta de areia e seu rosto era descrito como tendo feições etíopes, o que aparentava confirmar uma antiga crença local, a de que a religião e os costumes egípcios teriam origem na Etiópia. A esfinge estava pintada de amarelo e em sua cabeça existia uma abertura, que se encontrava parcialmente obstruída, a qual, acreditavam os moradores locais, levaria a uma estrutura subterrânea.

Algumas grutas perto do Nilo, escavadas na montanha, eram vistas como mais antigas que as próprias pirâmides (GROBERT, 1800).



ESFINGE – FONTE: PIXABAY

O militar francês era um privilegiado por poder subir a grande pirâmide e ficar ali quanto tempo quisesse. Em seu cume, sentiu uma sensação única ao permanecer horas sobre o monumento e (a seu modo) meditar. O militar fez questão de ressaltar que podia ser assaltado e morto caso se aventurasse sozinho na pirâmide. Mesmo pagando moradores locais, era perigoso ficar por lá muito tempo. Ele encontrou cavidades nas paredes externas nas quais não pôde entrar, as bússolas não funcionavam bem dentro da pirâmide e o descontrole era motivo de debates entre estudiosos à época (nem passava pela cabeça das pessoas que poderia ser eletromagnetismo). Grobert fez também outra observação importante: a quantidade de câmaras internas era reduzida para um túmulo, além da posição de a câmara central não permitir elevar um caixão de granito sem as escadas que o governo egípcio colocou posteriormente.

Um engenheiro francês da época ficou intrigado: não somente não era possível explicar a construção do monumento como não se podia entender a escolha de um terreno para suportar um peso tamanho, o que já na época exigiria estudo pormenorizado de topografia para averiguar a área, considerando que a topografia na época estava dando seus primeiros passos.

Uma construção tamanha arruinaria as finanças de qualquer potência europeia de então, representando grande desafio mesmo para as nações modernas. Paralelamente a isso, fica-se impressionado com o descaso do povo do Cairo com o monumento, a mesma atitude de quem não tem nenhuma relação com a magnífica obra. Ao visitar o Egito, pude constatar pessoalmente o lixo jogado em cavidades pouco cuidadas. Outrora, sultões tentaram destruir os monumentos que hoje ajudam a sustentar o Egito e que ainda assim não são tratados com o valor devido.

A GRANDE CONTROVÉRSIA SOBRE A ORIGEM

Se hoje você ouvir alguém dizer que as pirâmides são orientadas astronomicamente em suas medidas e possuem coincidências propositais que revelam uma inacreditável tecnologia, você imediatamente pensará em um ufólogo ou esotérico, tal é a mentalidade atual de “senso comum” de parte da sociedade, influenciada pela mídia e pelas academias. Já alertava Dufeu que a pirâmide decodifica dados cronológicos, astronômicos, históricos, hidráulicos, geológicos, geográficos e de geodesia (DUFEU, 1873). Enquanto via os inúmeros cálculos descritos pelo autor, atrevi-me a refletir sobre um ponto: os criadores dessa estrutura teriam deixado tais “dados” como uma “cápsula do tempo”? Se sim, ou nos superestimaram ou não era para “nós” abriremos (...).

Dufeu acreditava que Sirius era reverenciada por sua aparição coincidir com as cheias do Nilo, o que acaba gerando uma situação curiosa: em nossa era, a explicação alienígena para a construção da grande pirâmide é plausível, mas a academia não quer aceitar os alienígenas; já no século XIX os intelectuais até aceitavam cogitar de uma incrível tecnologia, mas, sem a hipótese alienígena, tinham que se contentar com motivos simplistas para uma construção que os próprios europeus não tinham capacidade de fazer. Dufeu engendrou inúmeros malabarismos para tentar provar que toda história e conhecimento avançado dos egípcios estavam codificados nas medidas da pirâmide (só uns poucos iniciados saberiam decifrar os dados).

O pesquisador chegou a argumentar que a palavra “pirâmide” quer dizer na língua copta: “a décima parte de tudo que pode ser medido”, indicando seu caráter científico de “arca do conhecimento”.

É salutar lembrar que esses teóricos trabalhavam sem os meios modernos, e portanto nem desconfiavam das outras estruturas internas descobertas recentemente (cujos dados ainda não vieram a público), além da emanção de calor igualmente descoberta há pouco tempo (ANOMALIAS, 2015), sobre a qual ainda inexistente explicação plausível.

Havia no século XIX uma “ânsia de explicar”, sem haver meios técnicos para tanto. Atualmente há uma ânsia por afirmações definitivas, como a de que o monumento “só pode ter sido tumba e nada mais”. Não se partilham informações das descobertas recentes e o acesso de turistas é controlado por soldados armados.

Se hoje ufólogos são atacados com tom de deboche por autoridades acadêmicas, curiosamente no passado autores que nem sonhavam com a possibilidade alienígena também foram hostilizados publicamente por defenderem seu ponto de vista. Léon Mayou, em 1894, foi publicamente atacado por Gaston Maspero (sucessor de Champollion) por que defendia que a grande pirâmide era um monumento astronômico e geodésico de alta precisão, e não uma simples tumba (MAYOU, 1894). Esse autor defendia haver uma relação dos hebreus com a construção e a finalidade da grande pirâmide. Embora nesse ponto ele pareça forçar a argumentação, particularmente entendendo seu ponto de partida: hoje quando vemos a grande pirâmide pensamos sobre como foi feita. A hipótese alienígena surge de modo natural, criticada ou não, mas na época o que um cristão podia associar com um monumento arquitetônico que desafiava o conhecimento de sua época? A Bíblia: uma construção como aquela obriga a mente a se “agarrar” em algo (...).



FRONTISPÍCIO DE LIVRO DE LÉON MAYOU
FONTE:GALLICIA

Nunca será plausível falar da pirâmide de Quéops e sua finalidade sem lembrar de alguns fatos: soldados restringem acesso de turistas em determinados lugares (não é “só” para conservação, pois nos arredores encontramos lixo jogado); os subterrâneos são inacessíveis sem autorização; a pirâmide de Quéfren não pode ser acessada; as pirâmides do Egito não podem mais ser escaladas; os acadêmicos insistem na tese de Quéops ser um túmulo, mesmo sem vestígio disso; a simples menção de outra finalidade ou forma de construção é ridicularizada, impondo-se a autoridade da academia.

A UFOLOGIA E A GRANDE PIRÂMIDE DE QUÉOPS

As pirâmides do Egito (principalmente Quéops) são objeto de estudo e especulação tanto por ufólogos quanto por acadêmicos. Os ufólogos aludem às dificuldades da construção para sustentar o uso de tecnologia superior à humana na sua construção. Já os acadêmicos dizem que, mesmo sem poder explicar completamente a construção, as pirâmides só podem ter sido construídas por humanos com as ferramentas rudimentares. Isso porque, na atualidade, levar a efeito a construção de um monumento semelhante, exigiria muito conhecimento de arquitetura e de engenharia, além do emprego de modernos computadores e guindastes.

Para o bem da humanidade e seu sagrado orgulho, a hipótese de que foi outra “humanidade” tecnológica que construiu a grande pirâmide seria melhor, pois não implica em decadência e involução, afinal isso não representa uma perda, apenas uma constatação de que não somos “a primeira” raça inteligente, pois haveria outras, anteriores e mais tecnológicas.

Pensando que foram os egípcios que fizeram a grande pirâmide, surge uma triste constatação: entramos numa assustadora involução, pois hoje representaria um desafio quiçá insuperável (no momento) replicar semelhante estrutura. Vale especular: se continuássemos aprimorando as técnicas empregadas no monumento de Quéops, estaríamos hoje talvez utilizando holografias em nossas colônias em Marte (...).

Por outro lado, a pirâmide de Quéops possui uma característica muito interessante: em boa parte dos lugares onde é citada, em geral sua descrição começa com “não foi feita por alienígenas”.

Quando você refuta uma possibilidade de modo exagerado e em lugares onde essa hipótese nunca seria citada, surge um problema: por que tanto reforço em uma ideia que é “questão de honra” e cuja própria menção é ridicularizada?



A HIPÓTESE ALIENÍGENA – FONTE: NOTÍCIAS R7

Desde o século XIX, autores norte-americanos e ingleses eram criticados por egiptólogos franceses e alemães por insistirem em ver na pirâmide de Quéops medições que demonstravam um conhecimento assustador e também uma capacidade de construção que nenhum país da Europa possuía. Como contraponto, apenas insistiam que eram da “academia” e batiam o martelo na alegação de ser apenas um túmulo. Explicação fácil e segura para manter seus cargos e posições de poder: vaidade!

PARA PENSARMOS

Os ufólogos não precisam necessariamente utilizar a grande pirâmide como exemplo de argumentação para dizer que existem mistérios no passado e que aceitar uma civilização tecnológica envolvida em sua construção contribuiria para aceitação de outras civilizações que nos visitam hoje. Afinal, existem centenas de enigmas arqueológicos de peso, como o Templo de Kailasa na Índia; Puma Punku na Bolívia; Sacsayhuaman no Peru; e Baalbeck no Líbano.

Enquanto usarem a pirâmide na argumentação da hipótese alienígena, os ufólogos devem esperar o ataque clássico: “não sabemos como foram feitas, mas sob hipótese nenhuma foi outra civilização tecnológica, seu ridículo” (muito “madura” essa postura, aliás).

A pirâmide expõe um anacronismo lógico: um engenheiro que constrói um aparelho televisor de plasma sabe exatamente como uma TV em preto e branco funciona, mas um engenheiro moderno não sabe explicar como Quéops foi feita. Um engenheiro ganha visibilidade simplesmente por criar um “possível” esquema de construção e então passa a se bater com outros engenheiros, curiosamente todos unidos contra a possibilidade de tecnologia semelhante ou superior à nossa se fazer presente na Terra há milhares de anos.

Não se pode olhar a pirâmide sem pensar em mistério e esse papel ela cumpre com maestria, não deixa os mais históricos e orgulhosos esquecerem que o passado é muito maior do que podemos aceitar. Como dita um antigo provérbio árabe: “O mundo teme o tempo, mas o tempo teme as pirâmides”.

REFERÊNCIAS

ANOMALIAS térmicas são encontradas na pirâmide de Quéops no Egito. **G1**, 9 nov. 2015. Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/11/anomalias-termicas-sao-encontradas-na-piramide-de-queops-no-egito.html>.

DUFEU. A. *Découverte de l'âge et de la véritable destination des quatre pyramides de Gizeh, principalement de la grande pyramide*. Paris: A. Morel et Cie Éditeurs, 1873.

GROBERT, Jacques-François-Louis. *Description des pyramides de Ghizé, de la ville du Kaire et de ses environs*. Paris: Rémon Libraire, 1800.

MAYOU, Léon. *Les secrets des pyramides de Menphis*. Paris: Chamuel Éditeur, 1894.

O PERIGO DAS *FAKE NEWS* PARA A UFOLOGIA

TONI INAJAR

RESUMO

O artigo aborda tema atual e relevante, as notícias falsas, conhecidas como *fake news*, no âmbito da Ufologia. Nesse meio tais notícias são largamente difundidas, em geral mediante fotografias forjadas ou editadas, que muitas vezes são disseminadas nas redes com o intuito de autopromoção, ou mesmo para enganar pessoas leigas no assunto. As notícias falsas são geralmente disseminadas por pessoas manipuladas, crentes de que registraram um OVNI, quando na verdade a explicação é outro fenômeno, que não o *alien*. O autor explica como é possível confiar (ou não) em publicações ufológicas que contenham fotos ou vídeos não verificados, indicando aspectos para diferenciação de uma imagem real de OVNI e imagens falseadas via uso de variadas técnicas, especialmente a edição de imagens.

PALAVRAS-CHAVE

Ufologia. *Fake News*. Fotografia. OVNI.



SOBRE O AUTOR

TONI INAJAR (Inajar Antonio Kurowski), paranaense nascido e criado em Curitiba, é graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Paraná (1986), Pós-graduado (*Lato Sensu*) em Metodologia

da Ciência (1994) pelas Faculdades Integradas Espírita e mestre em Gestão Ambiental (2010) pela Universidade Positivo. No campo profissional, é Perito Criminal (1994-), com ênfase em Fotografia Forense, Identificação Veicular, Balística Forense, Locais de Crimes contra a Pessoa e Locais de Crimes contra o Patrimônio. Foi professor desses temas na Escola Superior de Polícia Civil do Paraná e atuou como professor convidado na Polícia Militar do Paraná. Foi professor universitário na FAPAR – Faculdade Paranaense e também como convidado em várias instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, dentre elas Universidade Federal do Paraná, Universidade Positivo, UniBrasil e Universidade Tuiuti. Na área ufológica, realizou várias pesquisas de campo em avistamentos de naves e seres e também pesquisou “in loco” agrolifos, no Brasil e na Inglaterra. Palestrante consagrado na ufologia, já participou de diversos congressos e seminários ufológicos. É o coordenador do Grupo e Análises de Imagens da Revista UFO e Coeditor da Revista UFO.

É Conselheiro e Padrinho do PATOVNI – Grupo Ufológico Pato Branco.

Contato: inajark@yahoo.com.br.

OBJETOS VOADORES IDENTIFICADOS OU NÃO

Interesso-me por Ufologia desde a infância e sempre questioneei muitas das fotografias e vídeos que pude estudar com mais atenção. A partir do 2º semestre de 2006, passei a integrar o Grupo de Análises de Imagens da Revista UFO, o qual coordeno. Desde então, pude comprovar que cerca de 85% das imagens que nos chegam são facilmente identificáveis como não tendo nenhum valor ufológico, mas geralmente são acompanhadas de relatos fantasiosos. Muito dessa fantasia é inerente à pessoa que deseja tornar seu avistamento mais grandioso ou credível. Em alguns casos, entretanto, percebe-se uma tentativa de induzir o analisador a um equívoco no estudo técnico que fará.

Constata-se ainda que cerca de 14% dos casos implicam em erros de interpretação de fenômenos naturais, pequenos objetos próximos da lente como insetos, pássaros ou mesmo sementes “voadoras” e reflexos na lente ou em janelas. Em situações tais, o autor da foto ou vídeo realmente quer conhecer do que se trata, não havendo nenhuma intenção de induzir a engano.

Enfim, resta sempre o 1% (ou menos) de casos nos quais classificamos a imagem como sendo tecnicamente de um OVNI. Como tive oportunidade de esclarecer em anterior artigo publicado na Revista COSMOVNI (TONI INAJAR, 2020), embora muito conhecida, a sigla OVNI ainda é mal compreendida pelas pessoas em geral. A expressão OVNI é comumente associada a “discos voadores” e seres extraterrestres, mas OVNI quer dizer apenas “objeto voador não identificado”, pode ser balão, aeronave, meteorito, satélite, míssil, ave, enfim, qualquer coisa vista no céu, não passível de identificação imediata.



UFOS – OVNIS – FONTE: PIXABAY

Assim, com tamanha variedade de diferentes objetos potencialmente presentes na atmosfera terrestre, não é tarefa fácil para leigos a classificação adequada de um objeto como OVNI, pois, estranhamente, para os leigos quase tudo que se vê pairando pode ser entendido como sendo OVNI.

Inobstante isso, um melhor conhecimento dos fenômenos naturais afasta muitos equívocos e diminui sobremaneira a “quantidade” de OVNI avistados, pois então muitos dos objetos voadores passam a ser devidamente identificados. Destarte, o conhecimento de fenômenos naturais é o primeiro passo para saber identificar um OVNI autêntico.

Por exemplo, para evitar equívocos hermenêuticos, impõe-se conhecimentos rudimentares de nimbologia, o estudo das nuvens, sua classificação e as várias formas e cores que elas podem assumir. Fenômenos como parélio e paraselênio também são frequentemente confundidos com OVNI. Os fenômenos naturais constituem grande parte dos supostos OVNI avistados e registrados pelas pessoas.

Passando dos fenômenos naturais para artefatos humanos, é bastante frequente a confusão entre satélites e OVNI's, pois atualmente muitos satélites artificiais podem ser vistos a olho nu, principalmente nas duas horas que sucedem o pôr do sol e nas duas horas que antecedem o alvorecer. Os satélites assemelham-se a estrelas, mas movem-se com relativa rapidez, sempre em linha reta, não mudando trajetória, nem fazendo curvas, manobras ou alterações bruscas de velocidade, o que geralmente está associado ao fenômeno OVNI.



SATÉLITE – FONTE: PIXABAY

Estudo e prática são essenciais na tarefa de diferenciar OVNI's de satélites, meteoritos ou outros astros, distinguindo-se o que há de natural e de artificial naquilo que se vê constantemente no céu. Para uma correta verificação do fenômeno ufológico, exige-se uma base de conhecimento astronômico, devendo o observador saber reconhecer as principais estrelas, constelações e planetas, vistos desde a superfície da Terra. A própria posição das estrelas pode servir como referência para identificar outros possíveis objetos no céu.

Certos planetas, quando estão mais próximos do horizonte ou da Lua, também podem ser confundidos com OVNI's, bastando dizer que Vênus e Júpiter são, para nós, os planetas mais brilhantes do firmamento, mas Marte e Saturno, ainda que menos brilhantes, também podem ensejar confusão. Os meteoros, que comumente se desintegram ao entrar na atmosfera terrestre, produzindo um rastro luminoso visível ao passarem pelas camadas atmosféricas, frequentemente são causa de equívoco interpretativo em relação ao fenômeno ufológico.

Na cotidianidade do estudo ufológico, constata-se que os tipos de OVNI's mais comuns são objetos que possuem luzes e/ou têm aparência metálica, comumente não emitindo sons, ou, quando muito, emitem ruídos como de uma máquina de lavar ou de uma enceradeira elétrica.

Os OVNI's podem ser vistos isoladamente ou em grupo, em variados formatos e tamanhos, desde pequenas esferas como uma bola de beisebol até naves gigantes, com centenas de metros de extensão. Na casuística ufológica, é frequente o relato de OVNI's realizando manobras bruscas, em ângulos "impossíveis" para as aeronaves terrestres, além de aceleração e desaceleração incompatíveis com a tecnologia humana.

Assim, os especialistas costumam indicar algumas características de um autêntico fenômeno ufológico, quando o OVNI: a) altera sua velocidade em fração de segundos; b) muda sua direção de modo muito brusco, em ângulos impossíveis a aeronaves terrestres; c) pode manifestar alterações bruscas e rápidas de altitude; d) pode realizar paradas bruscas e marchas à ré extremamente rápidas; e) pode emitir luzes fortíssimas; f) manifesta variedade de cores, desde o vermelho incandescente até o branco, com tonalidades e intensidades não compatíveis com aeronaves terrestres. Presentes alguns desses sinais, é lícito postular tratar-se de um autêntico OVNI.

FAKE NEWS UFOLÓGICAS: DO EQUÍVOCO AO ENGODO

Se há casos ufológicos genuínos, a maior parte das alegadas imagens e filmes de OVNI's tem origem na fraude. Desde 2006, quando iniciei participação no referido Grupo de Análises de Imagens da Revista UFO, passei a perceber a existência de 2 tipos de pessoas muito envolvidas na divulgação de imagens falsas, supostamente ufológicas, juntamente com relatos falsos, correspondentes aos 99% citados.

Grosso modo, os que se enquadram nos primeiros 85%, e que podemos denominar de “autoiludidos”, são os que, seja por ingenuidade, seja por estarem equivocados, têm “certeza” de que tiraram uma foto ou fizeram um vídeo de um autêntico “disco voador extraterrestre” e, colocando muita imaginação nos relatos, disseminam esse material, por vezes com boa-fé.

Os 14% restantes são os que sabem que as imagens que possuem (e das quais nem sempre são seus autores) não têm nada de ufológico, mas as disseminam juntamente com relatos fantasiosos, com a intenção de enganar tantos quantos puderem.

Aliás, não é de hoje que as chamadas *fake news* se apresentam no contexto ufológico, bastando lembrar, a título de exemplo, do clássico caso Billy Meier, quem, há algumas décadas, alegava ter sido contatado telepaticamente por viajantes espaciais da constelação das Plêiades. Conforme matéria publicada na Revista UFO (EQUIPE UFO, 2022), Meier teria sido instruído a preparar sua câmera a tempo de fotografar naves chamadas “beamships”. As fotos foram tiradas em um belo vale suíço, parecendo mostrar objetos se aproximando, em condições de plena luz do dia.



FOTOGRAFIA TOMADA POR BILLY MEIER – FONTE: BBC

Entretanto, no caso Meier, a análise técnica das imagens indica claramente tratar-se de objetos pequenos, situados não muito distantes da câmera, aparentemente pendurados por linhas de pesca. Embora os vídeos de OVNI sejam visualmente intrigantes, levando muitos a acreditar, os céticos sempre os consideraram deveras suspeitos.

Como suspeitas são também as muitas imagens (fotos e filmes) que circulam nas redes sociais, pertinentes ao tema ufológico, pois também nesse campo há muitos que se empenham em produzir *fakes*, fazendo uso de modernos recursos de edição de imagens em computador, imagens essas que costumam ser divulgadas junto de relatos fantasiosos.

Atualmente o fenômeno ufológico está sendo seriamente considerado por nações do mundo todo, bastando dizer que governos e instituições têm somado esforços para a afirmação do fenômeno OVNI como algo real e ainda carente de explicação, demandando ampla e profunda investigação.

Nesse contexto, a produção de *fake news* afigura-se pernicioso, por fomentar na opinião pública uma falsa percepção da realidade e dar azo à desinformação, daí decorrendo outras mazelas.

Logo, o perigo das *fake news* para a ufologia liga-se à necessidade de a humanidade pesquisar seriamente a questão ufológica, estudo que fica comprometido na medida em que falsas imagens e falsos relatos são disseminados de maneira sensacionalista e maliciosa. É preciso informar, não desinformar, sendo que os divulgadores das imagens e notícias falsas no campo da Ufologia prestam um desserviço à causa.

O que leva alguém a ter esse comportamento mitômano tem origem em vários fatores que competem à psiquiatria e à psicologia explicar, porém, independentemente do motivo, as *fake news* em Ufologia apelam para o emocional, fazendo com que, à primeira vista, os indivíduos acreditem no que está sendo apresentado e logo compartilhem.



FAKE NEWS – FONTE: PIXABAY

Todos esses tipos de pessoas envolvidas na disseminação de informações falsas no campo ufológico infelizmente são muito prolíficos, e os céticos e negacionistas do fenômeno ufológico se aproveitam justamente dessas imagens para elaborar longos textos tentando provar que tudo na Ufologia não passa de engodo e erro de interpretação.

Diante do exposto, é lógico e fácil verificar que esses fatos causam um enorme estrago na Ufologia séria, que busca, por meio das ciências estabelecidas, comprovar a veracidade da fenomenologia.

Para encerrar, lembro que Gustave Le Bon (1841-1931), polímata francês cujas áreas de interesse incluíam antropologia, psicologia, sociologia, medicina, e física, autor do clássico “A Multidão: Um Estudo da Mente Popular” (1895), muito sabiamente afirmou: “As multidões nunca tiveram sede de verdades. Diante das evidências que lhes desagradam, desviam-se, preferindo deificar o erro se este as seduzir. Quem sabe iludi-las facilmente torna-se seu mestre, quem tenta desiludi-las é sempre sua vítima”. (LE BON, 1982)

REFERÊNCIAS

EQUIPE UFO. Desmascarando Billy Meier. *In: Revista UFO*. Curitiba, dez. 2020. Disponível em: <<https://ufo.com.br/multimedia/videos/desmascarando-billy-meier-parte-1.html>>. Acesso em: 26 out. 2022>.

LE BON, Gustave. **A multidão: um estudo da mente popular**. Amazon, 1982.

INAJAR, Toni (Inajar Antonio Kurowski). Como Identificar um OVNI. **Revista Cosmovni** n. 1. Pato Branco: Tasca Editorial, dez. 2020. p. 29-40.

**A HUMANIDADE ESTARIA PRONTA PARA UM
CONTATO EXTRATERRESTRE?**

FERNANDA PIRES

RESUMO

O artigo aborda a importante questão do impacto de um primeiro contato alienígena para a humanidade. De início, a autora aponta a atualidade e a relevância da temática ufológica, para depois lançar a interrogação acerca do “preparo” da humanidade para um contato público, ostensivo e formal com raças alienígenas. O estudo pondera que tal contato acarretará profunda mudança cultural na Terra, com reflexos em vários campos do saber, como a ciência, a tecnologia, a religião, a política, entre outros. Em seguida, a autora ressalta a necessidade de a Ufologia estar fundamentada cientificamente, tal como se dá com a MUFON, da qual é investigadora de campo. O texto trata ainda dos desafios que se apresentam para um primeiro contato, como o decorrente da necessidade de comunicação humano-alien. A partir de uma melhor compreensão do fenômeno ufológico, chega-se à Exopolítica, ressaltando a autora a necessidade de uma maior abertura quanto às informações ainda mantidas em segredo por governos mundiais. Finalmente, a autora destaca alguns personagens de relevo para o desacobertamento ufológico em nível mundial, como Paul Hellyer e Lue Elizondo.

PALAVRAS-CHAVE

Ufologia. Primeiro contato. Exopolítica. Desacobertamento.

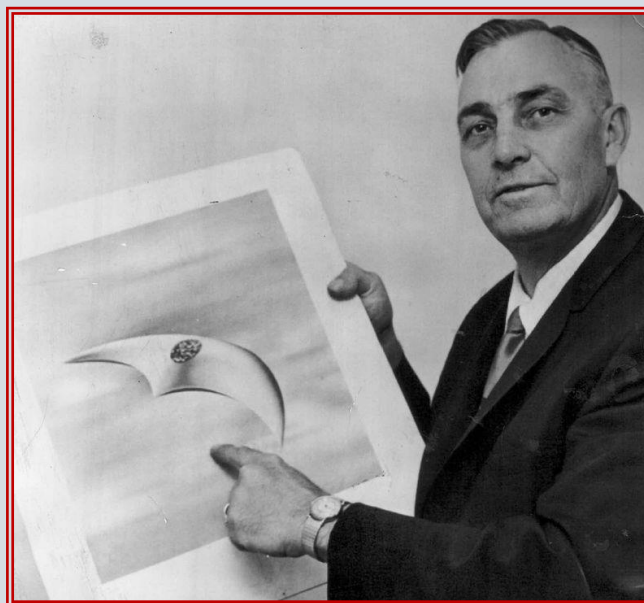
SOBRE A AUTORA



FERNANDA PIRES AUGER é empresária internacional, empreendedora brasileira radicada no Canadá, ufóloga atuante e fundadora do CIFE – Canal Informativo de Fontes/Fenômenos Extraterrestres e Espaciais (<https://www.cife.ca>), um canal voltado à difusão da pesquisa ufológica, astronômica e arqueológica. É investigadora da GARPAN – Investigação Profissional em Ufologia Civil do Canadá e pesquisadora de campo certificada pela MUFON Global – Mutual UFO Network. É também coprodutora do documentário “Moment of Contact”, dirigido pelo cineasta James Fox, sobre o Caso Varginha, considerado o Roswell do Brasil.

ABORDAR UFOLOGIA

Abordar Ufologia é lembrar de registros e fatos que marcaram a história, como o de Kenneth Arnold em 1947, quando relatou um avistamento no Estado de Washington, ao que se seguiu o famoso incidente de Roswell. Desde então, as coisas começaram a acontecer e agora, 75 anos depois, ainda estamos abordando esse mesmo tema. Há poucos anos, o jornal *New York Times* (NYT, 17 dez. 2017), decidiu realmente relatar que o governo dos EUA estava investigando OVNIIs já há tempos.



KENNETH ARNOLD – FONTE: THE SEATTLE TIMES

Houve inúmeros relatos por parte do pessoal militar e civil, ensejando um relatório (USA, 25 jun. 2021), em que se revela o estudo de 144 casos ufológicos que aconteceram desde 2000, sendo que 143 casos permaneceram insolúveis (mistério), corroborando, pois, aquilo que a Ufologia tem defendido há décadas. Ao abordamos o tema UFO-UAP, máquinas teoricamente dirigidas por possíveis seres de outros planetas, estamos aludindo a um fenômeno mundial, atual e relevante.

ESPECULAÇÕES SOBRE O PRIMEIRO CONTATO

Neste contexto, cumpre especular a respeito dos principais impactos para a humanidade, quando ocorrer o contato público, ostensivo e formal com civilizações alienígenas. A questão é: a raça humana estaria “pronta” para esse contato?

No âmbito da pesquisa científica e ufológica, é consenso a ideia segundo a qual o contato público da humanidade com eventual civilização alienígena acarretará uma profunda mudança cultural em nosso planeta, espalhando-se nos campos da ciência, tecnologia, religião, política, ecossistemas terrestres, entre outros.

As mudanças potenciais do contato extraterrestre podem variar muito em magnitude e tipo, com base no nível de avanço tecnológico da respectiva civilização extraterrestre, grau de benevolência ou malevolência e nível de compreensão mútua entre os aliens e a humanidade. É salutar mencionar que a confirmação da inteligência extraterrestre pode ter um impacto profundo nas doutrinas religiosas, potencialmente levando os teólogos a reinterpretar as escrituras para acomodar as novas descobertas.

A cobertura da mídia sobre a descoberta provavelmente diminuiria rapidamente, à medida que os cientistas começassem a decifrar a mensagem e aprender seu verdadeiro impacto. De qualquer forma, a ausência de contato público e ostensivo, verificado até o momento, significa que as consequências trágicas ou benéficas ainda são amplamente especulativas. No entanto, diria que nem todos estão preparados para esta revelação, pois cada ser humano está em um grau individual de evolução e cada um entenderia e interpretaria esse contato de forma distintiva, conforme seu nível de compreensão da realidade.

UFOLOGIA CIENTÍFICA

A Ufologia não é crença e sim parte da ciência. A Ufologia tem seus próprios métodos e elementos, tomados emprestados das diversas disciplinas científicas, embora ainda seja necessário evoluir na pesquisa ufológica, aplicando a ela todos os recursos desenvolvidos pela moderna metodologia científica.

De qualquer sorte, todo o material analisado seriamente, como as fotografias de OVNI, é alvo de escrutínio constante por meio de ferramentas científicas. Por exemplo, os sinais captados por radares não podem ser considerados “crenças”, pois tais equipamentos são fruto de muita ciência e tecnologia.

A propósito, uma das entidades das quais participo, a MUFON (a maior organização planetária de pesquisa ufológica), é pautada por princípios científicos, conduzindo-se sempre com amparo em firmes alicerces da ciência.



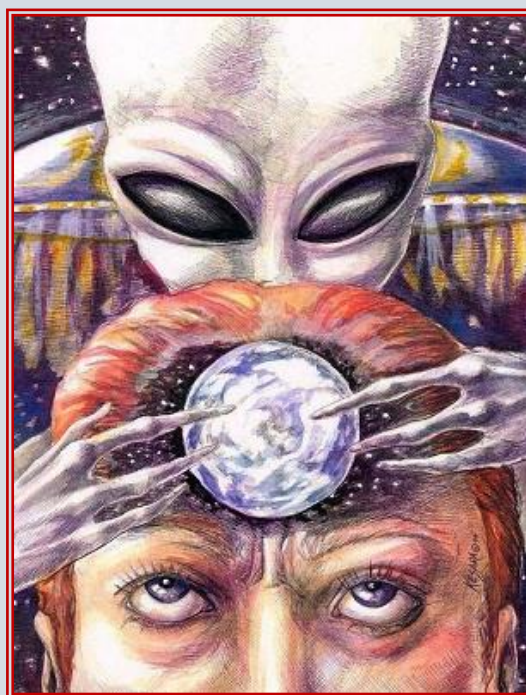
MUFON – FONTE: LINKEDIN

A principal meta da MUFON (2022) é estudar cientificamente o fenômeno UFO em benefício da humanidade e, como ufóloga, comungo desse objetivo. Fazer parte dessa equipe afiada é, para além de uma conquista, uma grande responsabilidade.

COMUNICAÇÃO ALIENÍGENA

No tocante ao possível impacto que poderá ocorrer pela revelação "oficial" e ostensiva de vidas extraterrestres, há de se projetar tanto consequências positivas, quanto negativas transformações em um contexto geral. A questão da "comunicação alienígena" será (é) de grande relevo. Saber se o contato será físico, se a comunicação ocorrerá mediante telepatia, língua falada (semiótica), sinais ou qualquer uma outra forma de interlocução, também governará a magnitude das implicações de longo prazo do contato inquestionável com raças alienígenas.

Inicialmente, esse contato revelado, seja ele qual for e da forma como ocorrer, acompanhado de qualquer mensagem, afetaria particularmente as consequências do contato, assim como a extensão da compreensão mútua. Posteriormente, tudo se ajustaria ao passar do tempo, mediante novas diretrizes, questões administrativas e adaptação a uma nova vida.



TELEPATIA ALIEN – FONTE: TV TROPES

APORTES DAS CIÊNCIAS

De qualquer forma, nós podemos assegurar que seres de outros mundos já estão entre humanos desde o início dos tempos. Quando tratamos de Ufologia, estamos nos referindo a seres de outros planetas, ensejando a necessidade de conhecimentos de Astronomia, a ciência que estuda os corpos celestes do Universo. Do mesmo modo, ao abordar a Ufologia, também será importante incorporamos a essa reflexão a Arqueologia, pois que se ocupa dos registros da própria história do mundo. Não se trata de “convencer” ninguém, pois o resultado de nossas próprias pesquisas fará emergir inúmeras respostas: eis a importância da Ufologia.

O contato formal humano-alien certamente já existe, embora ainda não público e ostensivo. Muitos fatos já comprovados revelam indícios desse contato formal, bastando lembrar, por exemplo, o incidente Eisenhower (1954), quando naves alienígenas aportaram na Base Aérea Edwards (EUA) e seus tripulantes exigiram a presença do Presidente dos EUA para tratativas diplomáticas, tudo bem exposto por Michael Salla (2014).

Muitas revelações de cunho ufológico têm sido feitas ao longo do tempo por figuras renomadas do meio militar e civil (generais, presidentes, ministros, ex-membros da NASA), alguns vindo a óbito, misteriosamente, após pronunciamentos dessa natureza. O próprio ex-general de Israel Haim Eshed afirmou existir um acordo entre os EUA e extraterrestres, cujo objeto implica em experimentos humanos, como também já havia denunciado Michael Salla (2012). A Terra é um planeta em experimento. Tudo se baseia em experiências, sejam científicas ou não. E como já dizia a sabedoria popular: "estamos todos vivendo uma experiência". Tudo gira em torno de experiências.

BUSCANDO A COMPREENSÃO

Parte dessas pesquisas, estudos e experimentos, é para tentar entender toda a estrutura cósmica, desde uma célula ou partícula até a estrutura incomensurável do Universo em sua organização no espaço, tempo e existência.

Como há líderes humanos que estabelecem acordos (contratos) com outros líderes, quanto aos extraterrestres não poderia ser diferente, sendo plausível cogitar da possibilidade de acordos e contratos entre distintas raças. É totalmente consistente a vida dentro e fora da Terra.

E essa tentativa de compreensão nos leva à moderna concepção de Exopolítica, distinta da Ufologia, pois tem nessa um pressuposto: a humanidade não é, nunca foi e nunca será a única raça inteligente do Cosmos. Desse modo, pertinente questionar: qual a importância da Exopolítica para as futuras relações da humanidade com civilizações alienígenas? Além da dimensão política, serão necessárias regras de conduta (jurídicas) para regulamentar essas interações humano-alienígenas?

A partir desses questionamentos e diante da crescente exposição da temática nos meios governamentais e na grande mídia mundial, é possível inferir que estamos no fim da política de acobertamento dos UFOs. No entanto, ainda há muito a evoluir, pois muitos tentarão esconder a verdade até o último segundo. O poder é inteligente, ele se une. Um grande exemplo de dedicação ao desacobertamento é o do ex-Ministro de Defesa do Canadá, que passou os últimos anos de sua vida se dedicando totalmente à Ufologia, fazendo inúmeras revelações no que diz respeito a UFOs e relatando a existência de seres extraterrestres entre os humanos. Paul Theodore Hellyer afirmou, inclusive, haver extraterrestres trabalhando para o governo dos EUA (EQUIPE UFO, 2022).



PAUL HELLYER – FONTE: CNET

Outra figura renomada e de amplo conhecimento nesse tema é Lue Elizondo, que vem trabalhando de forma incansável para a tão esperada revelação de seres extraterrestres e a aliança entre a humanidade e outros mundos. Elizondo dirigiu o programa secreto de UFOs do Pentágono por décadas (EQUIPE UFO, 2021).

Elizondo vem discutindo seu trabalho no Programa Avançado de Identificação de Ameaças Aeroespaciais (AATIP) nas principais redes de TV, informando autoridades nos bastidores em Washington, facilitando reuniões entre eles e militares com experiência em UAPs. Ao manter a história viva, ele espera obrigar o governo a finalmente estabelecer uma investigação mais transparente, coordenada e completa sobre o fenômeno. Elizondo foi questionado inúmeras vezes e até ficou prestes a ser silenciado, pois nem tudo foi fácil. No ano de 2019, um porta-voz do Pentágono questionou a alegação de Elizondo de ter trabalhado na AATIP. Em resposta, o ex-líder da maioria no Senado, Harry Reid, enviou uma carta à NBC News confirmando a história de Elizondo.

Em sua carta, afirma: "Como um dos patrocinadores da AATIP, posso registrar o envolvimento e o papel de liderança de Lue Elizondo neste programa", escreveu Reid. "Há muito mais avistamentos do que foram divulgados", disse o ex-diretor de inteligência nacional John Ratcliffe.

Entre tantos casos que venho acompanhando e investigando, em um deles pude testemunhar o medo subversivo de vítimas do Caso Varginha, ocorrido no Brasil em 1996. Após o contato, as vítimas tiveram consequências irreversíveis, como, por exemplo, estado de saúde agravado. Naturalmente, muitas coisas estão sendo reveladas e tem sido uma luta constante para romper programas sigilosos e documentos secretos de governos que tanto escondem a verdade da população. Muitas vítimas foram silenciadas. Esse silêncio tem custado a vida de muitos inocentes.

Prontamente ganham relevância a Exopolítica e os estudos sérios do fenômeno UFO. Diferentes ramos de governos, mediante os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, podem seguir suas próprias políticas, originando lutas de poder. As implicações do contato extraterrestre dependem do método de descoberta, da natureza dos seres extraterrestres, de sua localização em relação à Terra e seus próprios interesses. O choque cultural de conhecer uma civilização extraterrestre pode perdurar por anos e tudo dependerá de como proceder. As regras são de fato necessárias, mas não em termos jurídicos, pois há contratos altamente válidos, carimbados e selados com a mais alta tecnologia e esses documentos não estão sujeitos a regulamentação burocrática de cunho terrestre.

Contudo, uma vez que a própria ciência é uma construção, como em tudo na vida, novas evidências científicas vivem surgindo. E claro, é fato inegável que não estamos sozinhos no Universo e estamos todos trabalhando em conjunto, prezando sempre a divulgação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

EQUIPE UFO 2021. Disponível em <https://ufo.com.br/noticias/luis-elizando-nao-confia-na-nova-forca-tarefa-ufo.html>.

EQUIPE UFO 2022. Disponível em <https://ufo.com.br/entrevistas/estamos-sendo-visitados-por-mais-de-80-especies-alienigenas.html>.

MUFON – MUTUAL UFO NETWORK. Disponível em <https://www.mufon.com>.

NEW YORK TIMES. Disponível em <https://www.nytimes.com/issue/todayspaper/2017/12/17/todays-new-york-times>.

SALLA, Michael E. *Exposición de las políticas del gobierno USA sobre la vida extraterrestre: los retos de la Exopolítica*. Hawaii: Instituto de Exopolítica, 2012.

_____. Teria Eisenhower se encontrado com aliens em fevereiro de 1954? **Revista UFO**, Curitiba, 01 jul. 2014. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/teria-eisenhower-se-encontrado-com-aliens-em-fevereiro-de-1954.html>.

USA.GOV. OFFICE OF THE DIRECTOR <https://ufo.com.br/noticias/luis-elizando-nao-confia-na-nova-forca-tarefa-ufo.html> OF NATIONAL INTELLIGENCE. *Preliminary Assessment: Unidentified Aerial Phenomena*. Washington, EUA: 2021. Disponível em <https://www.dni.gov/files/ODNI/documents/assessments/PreliminaryAssessment-UAP-20210625.pdf>

METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA À UFOLOGIA

FERNANDA SCHWARZ

RESUMO

Neste artigo a autora demonstra a necessidade de a Ufologia servir-se dos instrumentos disponibilizados pela Metodologia Científica, a fim de trazer maior credibilidade à pesquisa ufológica em geral. O texto inicia por destacar o peculiar momento histórico para a Ufologia, com a realização de sessões públicas de organismos estatais para a discussão da temática. Em seguida, anuncia-se o intuito de estimular a comunidade ufológica a conhecer as ferramentas e as condições necessárias para uma investigação científica de caráter ufológico. A autora, então, expõe quais as qualidades esperadas de um pesquisador, bem como os conhecimentos básicos que devem ser dominados para uma boa investigação científica. O artigo evolui, indicando os elementos e as características de uma pesquisa em ciência, bem como apresenta os principais tipos de investigação, destacando a pesquisa exploratória e a descritiva. Finalmente, a autora enumera as fases da pesquisa científica e conclui o texto conclamando a comunidade ufológica a fazer uso da metodologia em suas investigações.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa em Ufologia. Metodologia científica.

Pesquisa exploratória. Pesquisa descritiva.

SOBRE A AUTORA



FERNANDA SANTOS SCHWARZ é graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Paulista e cursa doutorado em Saúde Pública na *Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales* (Argentina). É também Psicanalista e atua como pesquisadora de campo no CIFE – Canal Informativo de Fontes/Fenômenos de Extraterrestres e Espaciais (Canadá).

CONHECIMENTOS BÁSICOS PARA APLICAÇÃO

No dia 17 de maio de 2022, o Congresso dos EUA realizou uma audiência para discutir os documentos de cunho ufológico divulgados pelo Pentágono, contando com a presença de altos funcionários do governo e da inteligência. Logo em seguida, em 24 de junho do mesmo ano, por meio da iniciativa do Senador Eduardo Girão (PODEMOS-CE), o Senado da República do Brasil realizou uma sessão especial em comemoração aos 75 anos do Dia Mundial da Ufologia. Um dos convidados foi o pesquisador do Estado do Paraná Inajar Antonio Kurowski (Toni Inajar), que nos brindou com uma pertinente reflexão: “Os ufólogos não sabem usar todas as ferramentas que estão disponíveis nas diversas metodologias das diversas ciências” (KUROWSKI, 2022).



FONTE: ESCOLA EDUCAÇÃO

Norteados por tal ideia, o presente artigo tem o intuito de estimular a comunidade ufológica a conhecer as ferramentas e as condições necessárias para uma investigação científica de caráter ufológico. Afinal, a Ufologia abre as portas para novas realidades e fenômenos, surgindo a necessidade de investigação para obtenção de respostas.

Muitas são as habilidades necessárias para ser um bom investigador, entre elas a curiosidade em relação ao novo e aos fenômenos que nos rodeiam; o amor à verdade; a capacidade de transmissão da informação de forma clara e precisa; conhecimentos sobre Metodologia Científica, Filosofia e Epistemologia, das Leis da Natureza, Astronomia, Arqueologia, Geologia, Sociologia, Psicologia, Teologia, História e toda informação que se faça necessária. Afinal, a tensão gerada pelo choque entre as ciências naturais e sociais com os novos fenômenos que surgem na investigação, tornam a Ufologia multifacetada e multidisciplinar, a exigir amplo e profundo conhecimento do pesquisador.

Um investigador está vinculado a uma linha de pesquisa, sendo assim, assistir entrevistas, participar de palestras, congressos, seminários, grupos, ler livros, artigos e revistas aprimora, lapida o conhecimento e fortalece a comunidade envolvida no tema. Classifico as habilidades interpessoais de trabalho em equipe como sendo uma das principais qualidades de um bom investigador. A pesquisa se faz em conjunto, em comunidade, e o intercâmbio de informações deve ocorrer de maneira saudável e profissional. O conhecimento e as informações não devem ser vendidos e/ou guardados em segredo, pois, quando alguém realiza uma pesquisa, há de fazer referência devida a quem lhe transmitiu informações. No campo da pesquisa ufológica, a ética recomenda jamais usar a imagem e a história de pessoas contatadas como sendo patrimônio pessoal, até por conta de possível violação a direitos autorais.

Ainda, é de grande relevância ao pesquisador dominar conceitos sobre bioética e a legislação que rege a pesquisa com seres humanos. Toda pesquisa com seres humanos deve ser analisada e aprovada pelo comitê de ética responsável, não se pode fazer estudos, mesmo que não sejam clínicos, sem a sua prévia aprovação.

O comitê de ética é formado por uma equipe multidisciplinar independente que avalia a proposta de investigação e os seus eventuais danos e benefícios, solicitando ajustes quando necessário, de modo a minimizar qualquer dano à integridade dos participantes.

Uma pesquisa de cunho científico é desenvolvida mediante a elaboração de hipóteses e tem como objetivo descobrir, descrever, explicar, verificar, prever e elucidar teorias, fenômenos e eventos no âmbito natural ou social, os fenômenos e suas relações entre os elementos do sistema e de seus processos. Para uma pesquisa com resultados mais fidedignos, deve-se eleger o território e a população de análise, assim podendo trazer dados mais assertivos que espelham a realidade do fenômeno. Muitos recursos podem ser utilizados para a efetivar uma investigação científica, como a realização de uma *encuesta*, entrevista, aplicação de questionário, coleta de dados do ambiente, registro de dados oficiais e outros, ou seja, a eleição dos métodos de coleta dos dados é realizada segundo a acessibilidade e disponibilidade da informação.

As variáveis são construídas no desenvolvimento da pesquisa e estão intrinsecamente relacionadas com o objeto de investigação. Elas caracterizam a pesquisa, trazendo forma ao estudo. Por exemplo, se você quer investigar qual é o perfil dos contatados em um determinado território, as variáveis podem ser: (sexo, raça, faixa etária, nível de escolarização, nível socioeconômico, grau de contato etc.). As variáveis refletem as particularidades do cenário de investigação.



FONTE: LABONE CONSULTORIA

Podemos utilizar três tipos de variáveis:

1. Qualitativa: variável mais subjetiva, o que possibilita a interpretação dos dados e de suas particularidades e tem um aspecto mais profundo.
2. Quantitativa: variável vinculada a pesquisa que tem o intuito de evidenciar dados numéricos ou estatísticos.
3. Mista ou Quali/Quanti: atualmente é a variável mais utilizada em pesquisas pela possibilidade de quantificar a subjetividade qualitativa e qualificar os dados quantitativos.

TIPOS DE INVESTIGAÇÃO

Há vários tipos de investigação, mas para fins deste artigo abordaremos apenas dois: a investigação exploratória e a descritiva.

A investigação exploratória, segundo Claire Selltiz *et alii* é uma busca de informação, com o objetivo de formular problemas e hipóteses para uma investigação mais profunda de natureza explicativa. Esses estudos exploratórios têm como objetivo "a formulação de um problema para permitir uma investigação mais precisa ou o desenvolvimento de uma hipótese" (SELLTIZ *et alii*, 1965). Esse nível de pesquisa serve para exercitar técnicas de documentação, familiarizar-se com fontes bibliográficas, hemerográficas, documentais e eletrônicas. É por isso que alguns aludem a esse tipo de pesquisa como “pesquisa bibliográfica” (PAITAN *et alii*, 2018).

Descritiva, é um segundo nível, investigação inicial, cujo objetivo principal é coletar dados e informações sobre as características, propriedades, aspectos ou dimensões, classificação de objetos, pessoas, agentes e instituições, ou processos naturais ou sociais.

Como diz R. Gay: “A pesquisa descritiva inclui a coleta de dados para testar hipóteses ou responder perguntas sobre a situação atual dos sujeitos do estudo, um estudo descritivo determina e informa os modos de ser dos objetos” (GAY, 1996, p. 249).

A investigação exploratória tem um caráter mais básico, possibilitando ao pesquisador adquirir experiência de campo, como por exemplo, em uma pesquisa que envolva fenômenos anômalos em uma determinada comunidade, pode ser aplicada uma hipótese para o problema de investigação associada a uma pesquisa documental e/ou bibliográfica sobre o caso. A investigação descritiva envolve um grau de complexidade maior e por consequência traz mais respostas aos fenômenos. Uma pesquisa que investiga contatados, por exemplo, poderia responder a hipóteses previamente elaboradas.

Ambas as investigações, tanto a exploratória quanto a descritiva, se complementam como fases e níveis de investigação, sendo de grande importância o pesquisador conhecer os mais variados tipos de investigação, ficando ao seu critério estabelecer o tipo mais adequado à perseguição dos objetivos inicialmente delineados.

A respeito da coleta de dados para a realização da pesquisa, alguns equipamentos de investigação são necessários para os registros na pesquisa de campo: caneta, papel, gravador, máquina de fotografar, câmera de vídeo, instrumentos de medição e exames e ainda material para coleta de amostras. A depender do tipo de análise do local, é interessante que o investigador use vestimentas e equipamentos de proteção individual adequados, pois pode haver risco de contaminação química, biológica ou mesmo radioativa, ou seja, os equipamentos são adequados de acordo com o cenário de investigação.



FONTE: FACULDADE SERRA DOURADA

Se possível, o pesquisador deve estar vestido com camisa/colete, credencial de vínculo a uma instituição ou órgão, pois mesmo em pesquisas independentes é importante estar de alguma forma identificado, pois assim trará maior credibilidade à investigação e maior segurança aos participantes.

Neste ponto é realizada a catalogação e o registro de todas as informações que respondem às perguntas da investigação, portanto é primordial ter previamente listadas as perguntas de investigação e as variáveis a serem coletadas. É importante estabelecer um sistema seguro de armazenamento de informações, formando um banco de dados que deve ser devidamente identificado e organizado, pois isso facilita o processo e otimiza o tempo.

Se o trabalho de coleta dados for realizado por uma equipe, uma reunião prévia de treinamento com todos os membros da diminui a possibilidade de erros, tais como a coleta duplicada de dados.

Em seguida virá a fase da análise e interpretação dos dados colhidos, visando à busca de respostas para as perguntas de investigação. Nesse momento, o conhecimento prévio sobre estatística auxilia na investigação, sendo possível utilizar ferramentas e recursos que permitam uma visualização mais clara dos dados coletados. São utilizados, aqui, gráficos, tabelas, figuras, quadros, *softwares* e outras ferramentas.

O conhecimento sobre o princípio da triangulação é essencial, pois mediante tal ferramenta chega-se à saturação dos dados, que é a repetição dos números e a confirmação de que a pesquisa foi testada por várias técnicas. O termo “triangulação” é emprestado da topografia, que é a disciplina técnica que trata da medição de superfícies, determinando a posição matemática de pontos básicos e, em seguida, a triangulação é realizada para determinar por métodos dedutivos a posição de outros pontos, medindo distâncias e ângulos de triângulos.

Segundo a doutrina, “o princípio da triangulação impede que a validade dos dados e impressões iniciais sejam facilmente aceitas”, pois “amplia o alcance, a densidade e a clareza dos conceitos desenvolvidos no decorrer da investigação e ajuda a corrigir os vieses que aparecem quando o fenômeno é examinado por um observador” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 283). A interpretação dos dados e suas respectivas informações devem responder e sustentar as perguntas formuladas para a investigação. Será importante verificar se existem lacunas não respondidas ou os chamados “buracos de investigação”, pois quando isso ocorre deve-se identificar o erro e ter a humildade de reconhecer a falha, refazendo a pesquisa.

De qualquer sorte, o pesquisador deve se manter imparcial e ético, pois a manipulação dos dados com o intuito de desviar tendenciosamente os resultados por algum motivo ou interesse desvirtua a pesquisa e tira a credibilidade do investigador. Os resultados obtidos mediante a pesquisa podem ser utilizados como instrumento e ferramenta para sugerir propostas e ações de melhoria na área investigada.

APORTES FINAIS

O fenômeno UFO (*Unidentified Flying Object* – Objetos Voadores Não Identificados) já é aceito e discutido em vários países, inclusive em eventos oficiais. Atualmente grande parte das pesquisas no âmbito dos fenômenos anômalos e da Ufologia é desenvolvida de forma rudimentar. A falta de conhecimento técnico básico reforça esse quadro, que gera um grande volume de informações por meio de pesquisas mal elaboradas e investigações duvidosas, resultando em uma enxurrada de informações sem credibilidade, reforçando a desinformação e o descrédito popular.

O conhecimento e o domínio das regras metodológicas dão maior credibilidade à investigação e ao investigador, abrindo-se espaço para uma nova era de estudos ufológicos. Neste contexto, o meio acadêmico-científico exerce papel fundamental para debater, investigar e validar as pesquisas feitas dentro dos parâmetros de qualidade, abrindo espaço para o desenvolvimento de propostas e ações que contribuam para a mudança sócio-política global.



FONTE: BIOLOGIA TOP

No momento em que a Ufologia consolida contornos de seriedade perante governos no mundo todo e diante da própria opinião pública, impõe-se evoluir metodologicamente nas pesquisas de cunho ufológico. Neste contexto, as ferramentas da metodologia científica são essenciais para melhorar a credibilidade do saber ufológico. É com esse “espírito” que se apresenta essa síntese, a fim de conscientizar a comunidade de ufólogos para a necessidade de utilização de métodos científicos nas pesquisas alusivas a tão fascinante área do conhecimento, ainda envolta em muito mistério.

REFERÊNCIAS

GUTIÉRREZ, Hugo Cerda. **A avaliação como experiência total**. Santa Fé de Bogotá: Editorial Magistério, 2000.

GAY, L. R. **Pesquisa Educacional: competências para análises e aplicação**. 5 ed. New Jersey: Prentice-Hall, 1996.

KUROWSKI, Inajar Antonio. **Discurso proferido na 73ª Sessão Especial do Senado da República Federativa do Brasil, comemorativa do 75º Dia Mundial da Ufologia, 24 de junho de 2022**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3NG28Br6kaA&t=3s>.

PAITAN, Humberto Naupas *et alii*. **Metodologia da investigação qualitativa, quantitativa e redação de teses**. 5 ed. Bogotá: De la U, 2018.

SELLTIZ, Claire *et alii*. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Editora USP, 1965.